



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES.  
DCS – DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS**

**“LEMBRE DE MIM”:** um olhar antropológico sobre o dia dos mortos no  
cemitério Senhor da Boa Sentença em João Pessoa/PB

**Weverson Bezerra Silva**

**Orientação: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Mónica Lourdes Franch Gutiérrez**

**João Pessoa-PB  
2019**

WEVERSON BEZERRA SILVA

**“LEMBRE DE MIM”**: um olhar antropológico sobre o dia dos mortos no  
cemitério Senhor da Boa Sentença em João Pessoa/PB

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do  
Curso de Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal  
da Paraíba, como requisito para obtenção do grau de bacharel em  
Ciências Sociais.

Orientação: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Mónica Lourdes Franch Gutiérrez

JOÃO PESSOA - PB

2019

WEVERSON BEZERRA SILVA

“LEMBRE DE MIM”: um olhar antropológico sobre o dia dos mortos no  
cemitério Senhor da Boa Sentença em João Pessoa/PB

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Mônica Lourdes Franch Gutiérrez – DCS/PPGA/PPGS/UFPB  
Orientadora

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ednalva Maciel Neves – DCS/PPGA/PPGS/UFPB  
Examinadora

---

Ms. Uliana Gomes da Silva PPGA/ UFPB  
Examinadora

JOÃO PESSOA - PB

Setembro, 2019

**Catálogo na publicação**  
**Seção de Catálogo e Classificação**

S5861 Silva, Weverson Bezerra.

"Lembre de mim": um olhar antropológico sobre o dia dos mortos no cemitério Senhor da Boa Sentença em João Pessoa - PB / Weverson Bezerra Silva. - João Pessoa, 2019.

90 f. : il.

Orientação: Mónica Lourdes Franch Gutiérrez.  
Monografia (Graduação) - UFPB/CCHLA.

1. Antropologia da morte. 2. Cemitério. 3. Dia dos mortos/finados. 4. Ritual. I. Gutiérrez, Mónica Lourdes Franch. II. Título.

UFPB/CCHLA

*Dedico esse trabalho para meus pais avós Maria das Neves e Manoel Juvenal (In memoriam). Por nunca me abandonar e ser uma fonte interminável de amor.*

## AGRADECIMENTOS

À minha casa, a grande família que me apoia e que me faz seguir nos caminhos da educação, no respeito, financeiro e amor. Obrigado minha mãe Eva, minhas tias Cléia, Léa e Socorro, meus tios Leto, Nilson e Ailton, minhas primas Laleska, Ana Beatriz, Sarah Eva, Ágatha Luiza, Cinthia e Luclecia. Compartilhar uma casa com vocês e minha maior fraternidade. Aos meus irmãos, Ana Catarina, Ana Carolina, José Bezerra e Stefhany Bezerra. Vocês são essenciais, meu porto seguro.

Ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) na orientação de Severino Bezerra no qual fui contemplado sendo bolsista CNPq. Então foi participando do programa e sendo bolsista que colaborou diretamente na minha permanência na Universidade. É pertinente destacar essa participação, pois nesse (des)governo que não valoriza a educação as bolsas estão sendo escassas a minha RESISTÊNCIA para luta.

A banca examinadora, Mônica Franch minha orientadora, obrigado por compartilhar esse trabalho comigo, pelo cuidado, pela orientação e principalmente por acreditar e construir esse laço lindo, a Ednalva Neves pela cumplicidade construída, suas contribuições e oportunidades e Uliana Gomes que é um prazer imenso dividir esse momento com você, que fez parte da minha graduação me inserindo no campo do cemitério como pesquisador e hoje ocupando os seus espaços. GRATIDÃO, por ambas em comum me ajudar nos estudos da morte.

As funcionárias Jessica Martins, Michelle Marinho que foram essenciais na abertura do processo na burocracia, para nova habilitação no bacharelado obrigado por todo o apoio e Janne Nunes, minha amiga leal e cheia de amor, você é uma das pessoas mais especiais que conheço nessa instituição.

Aos meus amigos das Ciências Sociais, Bruna Pimentel a única que formou na licenciatura comigo e me acompanhou essa trajetória no Bacharelado em Ciências Sociais segurando na minha mão cheia de afeto, você fez tudo ficar leve, à Raphaella Ferreira que mesmo em outra cidade seguindo seu caminho, contribuiu na construção desse trabalho em conversas e chamadas de vídeos do WhatsApp, você sempre é essencial nesse processo e Heytor de Queiroz pelo seu sustentáculo. Aos demais amigos das Ciências Sociais, Bia Ramos, Leonara Alves, Roberta Mello, Janaina Correia, Carlota Augusta, Iracema Almeida, Esdras Bezerra e Wertton Matias.

Agradeço em especial a quatro pessoas que amo, Alana Santos, por sempre está comigo, minha irmã, me auxilia e colabora diretamente para o meu crescimento, com seu carinho e seu lar compartilhando o amor de tia Lu comigo, Adriano Alves por ser um exemplo de profissional, amigo e pessoa – obrigado pelas conversas e os momentos. E a Ana Patrícia por todo seu amor, carinho e afeto, você é um dos seres humano mais lindo. E por fim, Arlan Carlos, que fez meu mundo colorido e assim enche minha vida de alegria e amor.

Aos meus amigos, que não estão no meio acadêmico, porém me acompanha na vida na infância, no ensino fundamental; médio e vida, Alexandra Oliveira, Emilly Rodrigues, Evely Rodrigues, Janainy Nery, Werton Gabriel, Lizandra Paula, Carla Izabel, Phillip Braga, Rosi Cruz e Abner Douglas. Meus grupos de três Diow Gomes e Taíze Santana; Ana Carolina e Michel Pessoa. Obrigado á todxs pelas conversas, pelo dominó, comidas, afetos e escutar que sempre preciso estudar e não posso sair – obrigado pela paciência, amo vocês.

**DEUS, ele me amou, ele me ama, ele me amou!**

## **RESUMO**

O trabalho aborda o tema do dia dos mortos em seu contexto ritualístico na cidade de João Pessoa – Paraíba, mais precisamente no cemitério Senhor da Boa Sentença, situado no bairro do Varadouro. A intenção é discutir a experiência etnográfica a partir do processo de visitar os mortos como forma de ser lembrado, atentando aos processos sociais e econômicos em torno desse dia. Atenção especial será dada à visita de um túmulo específico, da menina Maria de Lourdes, pela sua relevância simbólica no local. Trata-se de problematizar os processos da contemporaneidade sobre o visitar no dia dos mortos e pensar o cemitério como espaço significativo no entendimento de uma organização social, como parte fundamental de uma cultura, e ainda como testemunha da história de uma sociedade. Nesse sentido, entendemos o cemitério como uma construção histórica feita a partir de processos de distanciamento, assombro e higiene em torno da morte e dos mortos. Visando compreender os elementos que compõem o mundo social do cemitério, observamos questões como o mercado dentro e fora dos muros, à religiosidade, o simbolismo e as representações sociais dos agentes que fazem parte do processo, como também toda a divisão de classes presente na estrutura do cemitério, que perpassa as relações dos vivos e/com os mortos. Dessa forma, a percepção da dinâmica social que envolve o cemitério com suas práticas socioculturais, e as relações construídas entre os indivíduos ajudou a compreender o espaço do cemitério não apenas como lugar de morte, mas, principalmente, como espaço de vida, atividade social, memória e continuidade simbólica.

**Palavras-Chave:** Antropologia da morte; cemitério; dia dos mortos/finados; ritual



## **ABSTRACT**

The work addresses the theme of the day of the dead in its ritualistic context in the city of João Pessoa - Paraíba, more precisely in the Senhor da Boa Sentence cemetery, located in the Varadouro neighborhood. The intention is to discuss the ethnographic experience from the process of visiting the dead as a way of being remembered, paying attention to the social and economic processes around that day. Special attention will be given to the visitation of a specific tomb, by the girl Maria de Lourdes, for its symbolic relevance in the place. It is about problematizing contemporary processes about visiting on the day of the dead and thinking of the cemetery as a significant space in the understanding of a social organization, as a fundamental part of a culture, and as a witness to the history of a society. In this sense, we understand the cemetery as a historical construction made from distancing, haunting and hygiene processes around death and the dead. In order to understand the elements that make up the social world of the cemetery, we look at issues such as the market inside and outside the walls, religiosity, symbolism and social representations of the agents that are part of the process, as well as the entire class division present in the structure. of the cemetery, which pervades the relations of the living and / with the dead. Thus, the perception of the social dynamics that surrounds the cemetery with its sociocultural practices, and the relationships built between individuals, helped to understand the cemetery space not only as a place of death, but mainly as a living space, social activity, memory. and symbolic continuity.

**Keywords:** Anthropology of death; cemetery; day of the dead / dead; ritual

## LISTA DE TABELA E IMAGENS

<b>Tabela 01.</b> Comparação de valores dos serviços dos cemitérios.....	47
<b>Imagem1.</b> Fase liminar do ritual de passagem.....	26
<b>Imagem 2.</b> Entrada do cemitério e a Capela.....	34
<b>Imagem 3.</b> Imagem do Cemitério do Varadouro. <i>Google Mapas.</i> .....	36
<b>Imagem 4.</b> Imagem do Cemitério do Varadouro.....	37
<b>Imagem 5.</b> Imagem dos panfletos religiosos.....	40
<b>Imagem 6.</b> Grupos religiosos no dia de Finados.....	42
<b>Imagem 7.</b> Limpando os túmulos.....	44
<b>Imagem 8.</b> Barraca de espetinho e venda de churros e flores.....	45
<b>Imagem 9 .</b> Panfletos das instituições mortuárias.....	46
<b>Imagem 10.</b> Partes do cemitério.....	48
<b>Imagem 11.</b> Ossuário.....	50
<b>Imagem 12.</b> Partes do cemitério.....	51
<b>Imagem 13.</b> Montagem sobre símbolos e representações sociais.....	52
<b>Imagem 14.</b> Fila para entrada no cemitério.....	54
<b>Imagem 15.</b> Túmulo Maria de Lourdes.....	62
<b>Imagem 16.</b> Túmulo do Padre Zé.....	64

*“Para isso fomos feitos:*

*Para lembrar e ser lembrados*

*Para chorar e fazer chorar*

*Para enterrar os nossos mortos —*

*Por isso temos braços longos para os  
adeuses*

*Mãos para colher o que foi dado*

*Dedos para cavar a terra.*

*Assim será nossa vida:*

*Uma tarde sempre a esquecer*

*Uma estrela a se apagar na treva*

*Um caminho entre dois túmulos —*

*Por isso precisamos velar*

*Falar baixo, pisar leve, ver*

*A noite dormir em silêncio.*

*Não há muito o que dizer:*

*Uma canção sobre um berço*

*Um verso, talvez de amor*

*Uma prece por quem se vai —*

*Mas que essa hora não esqueça*

*E por ela os nossos corações*

*Se deixem, graves e simples.*

*Pois para isso fomos feitos:*

*Para a esperança no milagre*

*Para a participação da poesia*

*Para ver a face da morte —*

*De repente nunca mais esperaremos...*

*Hoje a noite é jovem; da morte, apenas*

*Nascemos, imensamente.”*

*(Vinicius de Moraes)*

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>CAPÍTULO I – PERCALÇOS DO CAMPO.....</b>	<b>15</b>
1.1 FERRAMENTAS E PERCURSO METODOLÓGICO .....	17
<b>CAPÍTULO II - ESTUDOS ANTROPOLÓGICOS PERANTE A ÓTICA DA MORTE E DO MORRER .....</b>	<b>24</b>
2.1 MORTE E SEUS ESPAÇOS.....	28
<b>CAPÍTULO III – ETNOGRAFANDO O DIA DOS MORTOS NO CEMITÉRIO SENHOR DA BOA SENTENÇA.....</b>	<b>32</b>
3.1 O CEMITÉRIO DO VARADOURO: “ÚLTIMA MORADA” .....	34
3.2 A COMUNIDADE RELIGIOSA .....	38
3.3 VIVER DA MORTE: O MERCADO DENTRO E FORA DO CEMITÉRIO.....	43
3.4 ENTRE CLASSES E SUAS POSIÇÕES NO CEMITÉRIO. ....	48
3.5 SÍMBOLOS E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS;.....	51
<b>CAPÍTULO IV - O TÚMULO MAIS VISITADO: “MARIA DE LOURDES PEDE ORAÇÕES E PERDOA SEUS ALGOZES” .....</b>	<b>57</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>67</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>69</b>
<b>APÊNDICE - (Ensaio fotográfico (2019) do cemitério Senhor da Boa Sentença).....</b>	<b>75</b>

## INTRODUÇÃO

“Quando as pessoas morrem, não podem ser substituídas. Elas deixam buracos que não podem ser preenchidos, porque é o destino- o destino genético e neural de cada ser humano ser um indivíduo único, achar seu próprio caminho, viver sua própria vida, morrer sua própria morte”. Oliver Sacks<sup>1</sup>.

Esse trabalho começou a ser elaborado diante dos meus questionamentos sobre a morte no meu processo de socialização. Sentimentos como: medo, angústia e desespero de pensar que a pessoa que morre finda era um dos meus primeiros conflitos. Essas definições interferem diretamente quando refletia sobre a morte e o morrer nas minhas relações sociais. O que restou nesse processo foi o pavor quando o assunto era debatido. Logo, na disciplina de Antropologia Contemporânea na graduação, recebi o seguinte desafio: observar o Dia de Finados no cemitério. Ao me direcionar no campo, não imaginava o quanto é representativa essa data, e nesse primeiro contato, tive que enfrentar todas essas limitações que foram construídas em meu processo de socialização.

Esse primeiro contato despertou um olhar sobre aspectos como comércio, divisão de classe, religiosidade, desigualdade social, símbolos e outros temas que antes não eram percebidos, porque quando entrava no cemitério, sentia somente medo e vontade de chegar a minha residência para tomar banho, colocar a roupa para lavar e tirar os sapatos. Hábito este que não é uma singularidade minha, pois, de acordo com Franch e Falcão (1991), ao sair do cemitério é costume as pessoas limparem a areia dos sapatos. Assim como aponta Motta (2009), foi possível perceber que as pessoas vivenciam socialmente os processos ligados à ruptura do morrer, desenvolvem cada um a sua maneira de enfrentamento à morte, imersas em representações sociais e de acordo com suas condições socioeconômicas, perpassadas pela cultura em que cada indivíduo foi socializado.

Em teor de problematização, considero que o cemitério envolve um complexo simbólico que é algo particular e ao mesmo tempo universal. Percebo que o Dia dos Mortos ou o Dia de Finados trata-se do mesmo evento e é considerado como sendo algo universal, tendo a suas peculiaridades de acordo com seu contexto no qual o grupo ou o indivíduo está inserido.

Esta dificuldade de pensar o cemitério como algo significativo, e sobre o entendimento da organização social como fundamental de uma cultura de uma sociedade,

---

<sup>1</sup>Texto de Oliver Sacks faz uma reflexão de em quem tem câncer fase terminal disponível <http://drfelipeades.com/2015/03/02/oliver-sacks-fala-de-suas-reflexoes-ao-saber-que-tem-um-cancer-em-fase-final/> acessado no dia 10 de Agosto de 2019.

na qual, está totalmente relacionada à construção histórica dos cemitérios e seus processos de distanciamento, assombro e planejamento higienista. Pensando nesse ponto é preciso destacar o pensamento de Freitas (2006) sobre a passagem das estruturas do local do cemitério, é importante destacar que não havia ainda cemitérios no Brasil no período da colônia, e fazer o sepultamento sob o piso da igreja ou nas paredes eram uma das práticas, esses costumes foram mudados quando a questão higienista se espalhou na Europa e chegou ao Brasil, pois em ambas as práticas de sepultamento dos mortos ocorriam da mesma forma. No ano de 1850 surgiram as leis de criação de cemitérios no Brasil para assim evitar toda forma de contaminação e trazer um distanciamento desse espaço da morte.

Para uma melhor compreensão do que foi falado anteriormente sobre o tema da morte ser algo universal, é de suma importância associar ao pensamento de Ortiz (2015), no qual relata que a diferença é um sinal de riqueza na perspectiva particular de um grupo, que se torna um patrimônio a ser preservado, e o sistema universal termina quando começa a cultura no seu sistema singular. Dessa forma, é pertinente debater a organização desse sistema simbólico na perspectiva de entender que cada grupo tem suas práticas particulares e a preservação da mesma é importante na manutenção e fortalecimento da cultura. Esse exemplo é importante para destacar a diversidade e o universalismo, no pensamento que a morte como algo universal tem as suas peculiaridades de acordo com cada localidade.

O estopim para a continuação nos debates sobre morte ocorreu quando participei de uma palestra de doação de corpos como o tema da atividade de extensão “dialogando sobre a morte e o luto” realizado em maio do ano em curso, o objetivo do programa de doação de corpos do departamento de Morfologia da Universidade Federal da Paraíba que na palestra foi dito que é um programa de ação permanente, que tem por objetivo orientar e divulgar sobre o processo de como faz a doação de corpos para fins de estudos acadêmicos. A missão desse projeto é aprimorar os estudos de Anatomia humana, a fim de trazer uma colaboração para os estudos de saúde para o reconhecimento do corpo humano.

Estava nesse momento profissionais da saúde, estudantes e entre outros que não estavam com um contato direto na universidade, um dos pontos que chamou atenção foi um casal de idosos que queria entender como era o programa para saber se a doação de seus corpos seria uma das alternativas em seu *post mortem*, os mesmos expressaram suas opiniões, fizeram questionamentos e em suas falas esclareceram que tinham certeza que estavam próximos da morte e assim queriam esquematizar uma logística sobre como lidar perante sua morte.

No decorrer da palestra um dos integrantes chamou o dia de Finados como algo da “imaginação” uma “fantasia”, e que lá só tinha a matéria e não fazia sentido gerar gastos nesse dia mercadológico. E fazendo a doação do corpo para a ciência, assim não precisava mais ter gastos no dia de finados e nem fazer visitas ao cemitério. Ainda relatando sobre o tema, disse que o Brasil era um país atrasado e precisa se evoluir e citou exemplos dos outros países que a prática de doação de corpos sendo um sistema direto quando acontece a morte.

Nesse momento, pensei que a cultura da morte passava por estágios de evolução e precisava ser organizada dessa forma, da mais simples que é atrasada a evoluída, que é o exemplo para as demais sociedades de acordo com os pensamentos dos evolucionistas (MORGAN; TYLOR; FRAZER). O seu discurso era claro quando evidenciava que o Brasil era um país tardio, um pensamento evolucionista limitado e não diversificado, fazendo uma relação direta que precisava evoluir o pensamento da doação de corpos.

Assim, comecei a perceber que o significado do dia dos mortos é plural, e nessa tentativa de entender suas diversidades, comecei a me interessar pelas notícias em redes sociais e consegui a programação do dia de Finados do maior cemitério de João Pessoa – Paraíba, o Senhor da Boa Sentença, que é o campo da pesquisa que deu origem a este trabalho. Desse modo, a pesquisa iniciou-se por relatos e observações pessoais na instituição do cemitério a partir de medos da infância e os questionamentos no âmbito acadêmico, prossegui de uma forma teórica e prática de observação desse evento sobre as formas de homenagem aos mortos, na importância de descrever um rito que é compartilhado de gerações e que se perpetua nessa perspectiva contemporânea.

Com isso, surgiram os seguintes questionamentos: como é celebrado o dia de finados no cemitério Senhor da Boa Sentença? De onde vem o costume desse ritual e como ele se mantém? Quais as influências mercadológicas e religiosas nesse processo?

O título do trabalho surge em meio a elementos da cultura do México, “*Lembre de mim*” é uma música do filme Viva – A Vida é uma festa “*lembre de mim, hoje eu tenho que partir, lembre de mim, se esforce pra sorrir, não importa a distância nunca vou te esquecer cantando a nossa música o amor só vai crescer, lembre de mim não sei quando vou voltar [...]*”. Quando escutei essa música no filme, fui afetado diretamente com os meus estudos da morte, lembrei-me do meu pai que faleceu e o meu mecanismo de defesa era o esquecimento, não se lembrar dele fazia com que eu conseguisse ir em frente, mas a cultura do México me fez refletir sobre essa concepção e gradativamente imaginei que o mesmo poderia desaparecer dos meus pensamentos ou até mesmo do lugar onde Ele está.

Nesse momento, tive que parar os estudos da morte, pois de acordo com Favret-Saada (2005) quando tiver no ápice da afetação no seu trabalho de campo, é necessário ter destreza.

Abrindo um espaço para a compreensão do dia dos mortos no México e fazendo uma comparação no campo onde estou estudando, preciso destacar que, no México existe um sistema singular do dia dos Mortos que não é comemorado com tristeza, e sim com festa. Onde há celebração festiva do Dia dos Mortos, entre os dias 31 de outubro e 2 de novembro, inclusive uma atração turística é considerado Patrimônio Imaterial da Humanidade pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO).

Em sua comemoração, a tradição reúne amigos e familiares para festejar a visita dos seus antepassados que os mesmos retornam ao seu ciclo social, e é comemorado cheio de alegria. Os familiares visitam o cemitério e fazem um altar com suas comidas, bebidas e objetos. Um dos objetivos dessa tradição é seus antepassados não serem esquecidos, pois os mesmos acreditam que se não realizar esse tipo de ritual, os seus antepassados onde estiverem, desaparecerão. Trazendo uma comparação nas literaturas antropológicas, lembrar que Malinowski relata o dia em que os trobriandeses recebem os baloma, os espíritos dos mortos. Percebi que o ritual aqui no Cemitério Senhor da Boa Sentença segue o mesmo roteiro para o não esquecimento. É perceptível esse processo do não esquecimento roupas com as frases: “mãe, eternas saudades” e “você nunca será esquecido”, foram os motivos sobre a escolha desse título do trabalho.

Outro aspecto importante diz respeito à afluência dos estudos e debates sobre a abordagem do trabalho. Inicialmente é importante destacar de uma forma breve para pensar no ritual nos estudos da Antropologia das Emoções, a mesma tem demonstrado uma preocupação em compreender o papel das emoções no processo de significação e atribuição de sentido nas relações sociais (LUTZ; WHITE, 1986). Essas relações, mesmo que com aparência de uma natureza individual ou de caráter coletivo no processo ritualística no dia dos mortos, são compreendidas mediante uma complexa gama de mecanismos e sentidos compartilhados entre aqueles envolvidos no processo de interação.

Deste modo, esse trabalho destaca a morte e o morrer como objeto para um debate das formas simbólicas, ritualísticas e subjetivas, na tentativa de avançar entre os significados atribuídos à experiência social e que são, por sua vez, mediados pelas significações desses sujeitos que fazem/faz parte do dia dos mortos.



Mauss (2003) ajuda a pensar a morte como um *fato social total*, no qual relata os sentimentos de tristeza, dor e perda que consistem em experiências usualmente associadas à morte. O autor ainda anuncia sua percepção sobre as emoções como uma espécie de “cultura emotiva”, com a qual os indivíduos aprendem significados acerca das noções constituintes da sociedade e significantes para a sociabilidade, visto que são inteligíveis mesmo para aquele que ainda não tenha vivenciado a situação específica (KOURY, 2010).

Com isso, parte-se do entendimento que a construção social da morte é resultado de um longo processo histórico que tem relações particulares com diferentes sistemas sociais e econômicos, igualmente com uma diversidade de costumes e subjetividades no processo de morrer. Assim, este trabalho tem o intuito de discutir a morte enquanto uma categoria socioantropológica, considerando-a para além da sua possibilidade de ser vivida “naturalmente”, como um evento que faz parte do ciclo da vida, nas experiências das pessoas, e sim como um fenômeno propriamente social, considerado desde os sentidos e influências do mesmo no conjunto da vida coletiva.

Esse trabalho apresenta resultados de uma pesquisa etnográfica que analisou as representações da morte e do morrer no Dia dos Mortos, conhecido como Dia de Finados, comemorado no dia 02 de novembro. A pesquisa se desenvolveu no cemitério Senhor da Boa Sentença, no bairro do Varadouro, localizado na cidade de João Pessoa no estado da Paraíba, considerado patrimônio histórico do estado, tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado (IPHAEP), facilitando o acesso ao campo. A escolha do local se deu por ser o maior cemitério da cidade, e que no mesmo se encontra grandes representantes da Paraíba enterrados.

O objetivo geral deste trabalho é compreender a relação organizacional do cemitério, desnudando a relação entre o Dia dos Mortos e percorrendo as representações simbólicas do túmulo mais visitado no cemitério Senhor da boa sentença, no Varadouro. No caso, trata-se do túmulo de Maria de Lourdes, uma menina que morava no interior e veio trabalhar em uma casa de família aqui na capital e foi morta por linchamento por ser acusada de roubo e hoje é considerada concessora de milagres para seus devotos, após descobrir a sua inocência depois da sua morte.

Uma das hipóteses considera que a dinâmica ritual e religiosa em torno do túmulo da jovem, é motivada por uma veneração não à pessoa de Maria de Lourdes em si, mas por um sentimento de culpabilização pelo seu linchamento, considerando a sua beatitude a partir da sua inocência não provada em vida, mas que a reabilita no *post mortem*.

Esse trabalho apresenta reflexões sobre ambientes e instituições com seus espaços votivos individuais e coletivos no cemitério Senhor da Boa Sentença no dia dos mortos e o seu sistema organizacional que é o Dia de Finados. Esses espaços evidenciam a riqueza de detalhes de estudos de crenças e a relação de memória com todo o seu simbolismo religioso e econômico.

Esse trabalho torna-se pertinente por todas as questões da morte tratadas como um tabu na experiência social da modernidade (ARIÈS, 1981), fortalecendo o debate sobre a comemoração do dia dos mortos e o espaço do cemitério, e o sentido de ser um local estigmatizado. Outro ponto importante para destacar é o fenômeno devocional de peregrinação que aconteceu por volta de 1960; sendo necessário desenvolver neste trabalho uma atualização da construção histórica do fenômeno Maria de Lourdes. Contribuindo para a percepção, de que a devoção à Maria de Lourdes é um patrimônio simbólico e manifestação cultural religiosa da população de João Pessoa – PB.

Este trabalho, por fim, se encontra dividido em quatro capítulos e uma conclusão, que faz uma análise dos dados da pesquisa etnográfica. O primeiro capítulo intitulado: *percalços do campo*, que apresenta o percurso na minha inserção no campo que colaborou na trajetória da coleta dos dados e quais foram os métodos e as ferramentas metodológicas para a procura de textos e análises dos dados.

O segundo capítulo: *estudos antropológicos perante a ótica da morte e do morrer*, por sua vez, faz uma breve reflexão sobre os textos que debatem os estudos da morte e o morrer em seu contexto antropológico.

O terceiro capítulo *etnografando o dia dos mortos no cemitério Senhor da Boa Sentença*. Por sua ocasião, o mesmo descreve o cemitério do Varadouro, as comunidades religiosas que fizeram/faz parte desse processo, o mercado que se localiza no cemitério, os símbolos e formas ritualistas e as classes sociais e entre elas as posições que ocupam no cemitério.

Por fim, o quarto capítulo intitulado: *O túmulo mais visitado: “Maria de Lourdes pede orações e perdoa seus algozes”*, será desenvolvida a história da Maria de Lourdes pelos depoimentos orais dos interlocutores e sua ressignificação social em no *post mortem*.

## CAPÍTULO I – PERCALÇOS DO CAMPO

Nesse capítulo será desenvolvido como foi a entrada no campo e posteriormente as ferramentas metodológicas, será descrito autores que trabalham no campo da etnografia, minha entrada no cemitério do Varadouro, os espaços que percorri os desafios e as estratégias metodológicas para elaboração do trabalho.

Nesse momento, descreverei as dificuldades para auxiliar novas pesquisas que, de acordo com Gerald Berreman (1975), é necessário descrever as dificuldades encontradas pelo pesquisador no momento de sua inserção no âmbito da pesquisa. Esse momento o mesmo colabora para auxiliar novos pesquisadores nos estudos da morte. Começo com a seguinte pergunta: por que é tão difícil falar sobre a morte? Kübler-Ross (1975) relata que morrer é a única certeza da vida quando estamos vivos, e isso significa renunciar à vida nesse mundo e perceber que é o destino inevitável de todo o indivíduo. Estudar a morte é repensar em seu significado em todo o processo de construção do trabalho, enquanto muitos podem esquecer algum momento, eu sou lembrado e extremamente rotulado como o “homem da morte”<sup>2</sup>.

Para o início desse capítulo, preciso destacar o pensamento de Bourdieu (1989), que é necessário superar o senso comum, no qual, rompe com esse pensamento que é idealizado socialmente. Na minha experiência os termos de espaço “sujo” e “assombrado” é necessário desnaturalizar para assim conseguir construir um objeto para posteriormente desenvolver o trabalho científico. Superar o medo do local foi um dos primeiros passos.

Lembro-me dos primeiros contatos que tive no campo, a sensação de não estar limpo prevalecia em todo o momento. Não conseguia tomar água no ambiente interno e nem nas redondezas do cemitério, comer era impossível na minha cabeça. Ficou evidenciado que o senso comum prevalecia nas minhas relações com espaço, um dos primeiros pensamentos era como conseguir romper com essa barreira.

Com o silêncio do cemitério, era o momento que refletia e fazia a observação do espaço. Nesse instante, passava na minha cabeça que cada túmulo ou cova existia uma história transcorrida, reprimindo o pensamento de Kübler-Ross (1975) que o real desafio de tempo e espaço é viver o tempo que você tem antes da morte. Uma das primeiras

---

<sup>2</sup> O sentimento de solidão nos estudos da morte é inevitável, porém minha participação no IX encontro nacional da associação brasileira de estudos cemiteirais – cemitérios: gestão, culturas e religiosidades realizadas em Porto Alegre – RS foi um momento importante de debater os trabalhos e conhecer outras pessoas que estão com pesquisa direta nos estudos sobre cemitério e esses momentos colaboram para o crescimento da pesquisa.

reações de muitas pessoas antes da morte é o desespero, e nesse momento tive que respirar, pois percebi que seria um dos meus primeiros momentos de pânico.

Com isso é preciso destacar que os sistemas simbólicos sobre a morte e o morrer retificam todas as ações a que o indivíduo precisa dirigir-se quando o tema da morte é posto, e assim, o fenômeno da morte se insere em um conjunto de interpretações no complexo das experiências pessoais, conduzidos por um sistema simbólico que as anuncia, de uma ação social prática que as fundamenta em uma historicidade (NEVES, 1998, p.33). Assim, a ação social diante da morte está relacionada com as práticas sociais nos quais o indivíduo faz parte do seu processo de socialização, suas construções históricas interfere diretamente na abordagem de significados sobre o simbolismo da morte.

Então ser pesquisador sobre morte é pensar nela constantemente e ser lembrado por todos. Muitos falam: “olha, teve um acidente, morreu dois e eu lembrei de você”, “teve um suicídio na minha rua, lembrei de tu”, “encontrei um texto que falava sobre morte, vou te enviar”, essas são as falas que chegaram diretamente e que direciona a morte para mim por causa dos meus estudos sobre esse tema.

Na medida em que os tempos foram passando e as minhas visitas começaram a ser mais frequentes, as relações começam a ser mais estáveis. No cemitério do Varadouro enquanto as mulheres estavam limpando os túmulos e o administrador estava observando cada passo que estava dando, mandava o coveiro me seguir perguntando sobre a minha pesquisa. Percebi que na hora do almoço o espaço do cemitério inicia-se um espaço de sociabilidade. Não era apenas um local dos mortos, e sim um espaço para os vivos – espaço que as pessoas se alimentavam em cima dos túmulos e até tirava um cochilo. A primeira frase que passou naquele momento foi <minha n-o-s-s-a!!! c-h-o-c-a-d-o! Como eles conseguem comer ali???.>.

Como isso que era perceptível as relações dos vivos no espaço dos mortos, para meu pensamento espacial de lugar tinha direcionado o cemitério como o *espaço dos mortos*. Mudar esse termo possibilitou não ser tão pesado estar ali, comecei a perceber que a morte não é problema da pesquisa, mas o senso comum sobre a instituição cemitério.

No decorrer do campo comecei a desnaturalizar várias coisas, como tomar água e ir ao banheiro do cemitério. O medo e questões de impureza começaram a desvanecer e a pesquisa começou a seguir porque conseguia dialogar da forma como o campo desejava sem todas essas limitações que eu tinha. Assim, no decorrer das visitas ao cemitério o desnaturalizar o senso comum foi o primeiro passo e as paredes que existia começou a se rompida por direcionar meu olhar de como os vivos se relacionam no *espaço dos mortos*.

Atualmente a administração do campo e alguns trabalhadores do cemitério me conhecem como pesquisador. Os mesmos só querem entender que eu estudo a Maria de Lourdes, que é um dos túmulos mais visitados do cemitério, uma garota que foi vítima de linchamento. Como todos acreditam que a mesma é um santo popular e o cemitério é considerado um patrimônio histórico, os mesmo tem um prazer de conversar sobre a história da menina, porque acredita que assim alcançam um maior número de pessoas a história da garota que faz milagres<sup>3</sup>.

## 1.1 FERRAMENTAS E PERCURSO METODOLÓGICO

Nesse momento será apresentada a construção metodológica e as suas ferramentas para a coleta e análise dos dados. Nessa explanação a construção do trabalho e a escrita etnográfica. Inicialmente é preciso destacar que o trabalho trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa com o método etnográfico de natureza exploratório-descritiva, baseado na fundamentação de conteúdos das representações sociais sobre o dia dos mortos no cemitério Senhor da Boa sentença no bairro do Varadouro na cidade de João Pessoa – Paraíba.

Metodologicamente, a pesquisa e suas ferramentas foram divididas em três etapas. Na **primeira etapa**, o levantamento teórico de textos que trabalham sobre o tema e notícias do cemitério, que foram extraídas de *WhatsApp*<sup>4</sup>, blogs, jornais online e televisionados.

Esse levantamento foi dividido da seguinte forma: de acordo com o pensamento de Silva (2017) o estudo de levantamento bibliográfico deve ser dividido em (1) a definição dos conceitos principais já trabalhados. Nesse momento é necessário retornar as anotações e realizar um levantamento de textos que já dialogam com o seu objeto. Sendo assim, consegue obter um panorama de quantos trabalhos já foram lidos. E foi assim que ocorreu nesse primeiro momento no levantamento dos textos. De acordo com o pensamento de Tasca *et al* (2010), esse processo de análise das anotações pessoais que foram realizadas anteriormente na construção do trabalho é o primeiro passo para a definição de um problema e das inquietações sobre o tema, mostrando um direcionamento no processo de pesquisa científica. O (2) são as definições de estratégia da pesquisa, uma vez estimulado o tema da pesquisa com as definições dos conceitos já trabalhados, essa segunda etapa já consiste na escolha dos descritores que são utilizados na busca das

---

<sup>3</sup> Será desenvolvida posteriormente a história da mesma no último capítulo.

<sup>4</sup> Aplicativo de mensagens instantâneas.

referências segundo o pensamento de Lacerda *et al* (2012). Nesse momento foram utilizados os seguintes descritores: “morte”, “cemitério” e “dia dos mortos ou finados”. Após a definição das estratégias da pesquisa inicia a (3), que é a procura dos textos bibliográficos. Nesse processo de busca, para a revisão bibliográfica do trabalho, foi utilizando os textos nas seguintes fontes: *ScieLO*, (*Scientific Electronic Library Online*) e o Google Acadêmico. Outros meios de busca foram as leituras clássicas sobre o tema, esclarecidas no primeiro tópico sobre as definições dos conceitos principais trabalhados e os autores que foram recorrentes nos artigos aos quais foram lidos. Posteriormente foi realizado a (4) formação do banco de dados, que sendo Treita *et al* (2012), após a seleção dos trabalhos selecionados a partir dessa procura bibliográficas que foram selecionados pelos descritores é construído um acervo. A partir dessa leitura prévia e sempre acompanhando com o campo, os textos que foram selecionados inicia a segunda parte metodológica.

A **segunda etapa** é descrita a colaboração dos autores para pensar o método utilizado na pesquisa. Para uma pesquisa etnográfica no cemitério, foram realizadas entrevistas orais e a produção de um diário de campo, utilizando recurso como gravador e registros fotográficos<sup>5</sup>.

Inicialmente é necessário destacar a importância do método etnográfico porque o torna rico em detalhes pela sua descrição, sensibilidade, inteligência, visão e audição (BERTAUX, 2010), deste modo, vejo que é a melhor forma para trazer o leitor ao universo do campo e a temática do trabalho. Segundo Geertz (2008, p. 13): “uma boa interpretação de qualquer coisa – um poema, uma pessoa, uma história, um ritual, uma instituição, uma sociedade – leva-nos ao cerne do que nos propomos interpretar”.

Ainda sobre a concepção de Geertz (1989) no seu texto é necessário destacar que um dos dilemas que é pertinente esclarecer é as expressões no qual, “o modo predominante e moderno de autoridade no trabalho de campo é assim expresso: “você está lá”... porque eu estava lá”. Esse termo mostra uma complexidade nas relações nos quais fortalecem a inserção do pesquisador no campo estudado fazendo parte desses sistemas de relações. E esse sistema de contato foi pertinente no trabalho de campo no cemitério na minha inserção no campo fazendo assim a descrição.

Destaca-se que a experiência etnográfica é a construção de um mundo comum de significados, relações e sistemas sociais em suas relações. Com essa colaboração do autor,

---

<sup>5</sup> Foi solicitada a autorização para o uso do aparelho fotográfico e o gravador.

ênfatizam-se as formas de relações nas quais serão constituídas entre o pesquisador e sua elaboração dos dados no trabalho. Nessa pesquisa etnográfica, foi observado o fenômeno do dia dos mortos como um todo.

Evidencia-se que foram realizadas 10 visitas ao cemitério, duas no momento em dias de Finados no dia 02 de Novembro de 2017 uma breve visita sem a perspectiva da elaboração desse trabalho – mas nesse dia quando cheguei à minha residência surgiu interesse de ir no ano posterior 2018 no dia dos mortos que estava com o objetivo da construção desse trabalho e entender a dinâmica social desse dia.

Chagava antes das 7 horas, assisti a missa, passei a manhã e tarde toda no cemitério, saía por volta das 15 horas quando realizava o segundo momento religioso com os grupos que fazem parte dessa comunidade do catolicismo. Nesse tempo visitei outros cemitérios como o Parque das Acácias um cemitério privado localizado José Américo de Almeida, o cemitério da Penha que é o menor cemitério e queria experienciar esse dois espaços estudando o Varadouro que é o maior e a comunidade da Penha, nesse momento dispus da satisfação de ser meu campo de estágio do bacharelado<sup>6</sup> e o cemitério São José em Cruz das Armas que foi onde tive o primeiro acesso na pesquisa sobre cemitério<sup>7</sup>, ambos inseridos na grande João Pessoa.

Percorrer esses cemitérios ajudou-me para fazer um balaço de preços, realizar outras pesquisas e entender sobre o geral e o particular que existia no cemitério Senhor da Boa Sentença no Varadouro. Então com isso, meus momentos se dividiam da seguinte forma, primeiro participava da missa e pegava todos os panfletos que estava sendo distribuídos tanto da comunidade religiosa quanto das instituições privadas que mostravam as vantagens dos planos funérios e cemitérios privados.

Depois ficava na secretaria onde tinha um maior fluxo de queixas – pois os familiares que só tem a prática de visitar apenas no dia de finados era o momento de fazer suas reclamações, posteriormente ficava transitando entre as covas, que nesse momento trocava poucas conversas com as pessoas da limpeza com as mulheres e as crianças, sobre os familiares tive pouco acesso, nessa parte da pesquisa não sentia a vontade de tirar fotos

---

<sup>6</sup> Vinculado à pró-reitora de extensão e assuntos comunitários, junto às atividades de reconhecimento de comunidade tradicional, do programa Interdisciplinar de Ação Comunitária – PIAC/PRAC na qualidade de estagiário.

<sup>7</sup> Foi realizado um trabalho do cemitério na I RAS - PIMENTEL, Bruna Tavares; MARQUES, Heytor de Queiroz; SILVA, Jhessyca Nátally de Santana; MENDES, Raphaella Ferreira; SILVA, Weverson Bezerra. *O valor da morte: uma etnografia no cemitério de São José, João Pessoa/pb, analisando as relações econômicas que envolvem a morte*. Cidadania e políticas da vida: Anais da 1ª Reunião de Antropologia da Saúde (RAS) / Mónica Franch, et al (Org.) – Pipa Comunicação.

e nem conversar quando estavam em seu processo de ritual com os seus mortos, quando conversava era o momento que os mesmo já tinham passado a conexão direta física de estar lá nos túmulos, não abordei nenhum momento quando os familiares e amigos dos mortos estavam nos túmulos, percebia que era um momento dos que ficaram para os que se foram, quando Eles já estavam nos corredores para conversar com os membros da comunidade religiosa ou algo na administração chagava perguntando delicadamente “como tem gente?”, “tá calor, né?”, essas eram as frases iniciais que perguntava e assim conhecia minimamente algumas das histórias, um dos momentos foi necessário minha abordagem em pessoas específicas como os que acedem velas do lado da capela, com esses eu chegava próximo e perguntava e demonstrava o não conhecimento. E outro grupo foi à venda de mercadoria das comidas e objetos simbólicos como flores e velas, esse grupo os mesmo estavam totalmente abertos para conversas.

Depois foram realizados 8 visitas eventuais que minha chegada era em torno das 8 horas da manhã e ficava até as 11 horas, poucas vezes chegava na tarde, mas existiu dois momentos que duas amigas me acompanharam por curiosidade sobre meus estudos da morte e nesse momento fui a tarde chegando as 14 horas e saindo antes do pôr do sol. Em algumas visitas acompanhavam como era a organização social do cemitério, essas outras visitas foram importantes para compreender melhor todos os meus questionamentos sobre o que ficou pendente sobre o dia dos mortos, quando comecei a escrever o trabalho e em conversas com os funcionários que trabalham colaboraram nesse percurso de preencher essas lacunas. Nessas visitas presenciei enterros, exumação de corpos e transferência de ossuários, momentos que fortaleceu minha relação com o campo na perspectiva ritual da morte.

Com esse método e tudo que foi descrito nesse percurso do campo, autores que colaboraram com o entendimento e uma melhor descrição de uma pesquisa de campo é Malinowski (1978), que em sua obra “os argonautas do pacífico ocidental” utiliza-se suas técnicas etnográficas nesse projeto, algumas de suas técnicas que serão necessárias para alcançar os meus objetivos especificamente são: desenvolver essa pesquisa de uma maneira neutra e honesta, que por se tratar de uma pesquisa científica, será elaborado um sumário para um entendimento da estrutura de tudo que vai ser desenvolvido. Por isso, foi necessário desnaturalizar/naturalizar os meus anseios sobre o tema para que o trabalho fosse honesto e com rigor. E esse processo se deu com a minha inserção no campo e todos os processos de escrita e leitura na elaboração do trabalho.



A compreensão desse autor ainda colabora sobre aprender os códigos dos “nativos” – nesse momento, destaco a importância do entendimento dos códigos do cemitério, pois esses termos colaboram para uma melhor elaboração no desenvolvimento desse trabalho. Um dos exemplos diz respeito à distribuição espacial dos enterramentos: quando fala que está sendo enterrado na “parte baixa” que são as pessoas das covas rasas em baixo da capela e os da “parte alta”, que são os da entrada que compraram o terreno.

Dando continuidade em seu pensamento, é necessário perceber que a ida ao campo pode ter o seu retorno quando começar a desenvolver o trabalho – existindo sempre um cruzamento entre o trabalho construtivo e a observação. Com esse pensamento de Malinowski (1978) evidencia-se a importância de não me limitar apenas no dia de finados. Visitei outras vezes o cemitério para ter um contato direto com os trabalhadores e começar a ser apresentado como pesquisador. Então termos como: “imponderabilia da vida real”, “observado pelo funcionamento”, mergulho na vida dos “nativos” – são termos do autor, que só com essas visitas, poderia perceber algumas dessas formas intensas nesses processos de socialização.

Percebo que foi um mergulho breve na vida dos nativos, que preciso aprofundar nessa perspectiva, mas como durante esse tempo de pesquisa e visitando vários cemitérios consegui perceber essa rotina social de uma forma direta e intensa sobre minhas inquietações sobre o tema, então justifico esses termos de Malinowski, pois com todas as limitações das pesquisas dos dias atuais os mesmos se incorporam pelo seu sentido e significado do pesquisador sobre o campo do cemitério.

Outra autora que destaco na elaboração de um percurso metodológico e será espelhado seu exemplo, é Jeanne Favret-Saada, em seu artigo “Ser afetado”. Lembro que uma das vezes que fiz a pesquisa no cemitério, houve uma exumação de um corpo. As trabalhadoras da limpeza me chamaram ao local e eu não sabia, não estava preparado naquele momento para apreciar, mas vi uma parte foi inevitável, e as mesmas estavam comendo nesse momento, tudo de forma naturalizada. Então com essa relação dos interlocutores comigo, inicia-se um canal de comunicação involuntária e não intencional, no qual as mesmas começam a passar informações sem ter as paredes morais. Informando sobre casos de pessoas que se enterraram no cemitério com maior intensidade e o espaço da maçonaria. Nesse momento percebi que estava mais inserido no campo.

Esses métodos que estão sendo destacados pelos autores colaboram para a pesquisa pela sua forma de descrição desenvolvendo todo o seu contexto social, suas interações que são predominantes nos interlocutores. Demo (2012) ajuda a pensar que;

[...] o analista qualitativo observa tudo, o que é ou não dito: os gestos, o olhar, o balanço, o meneio do corpo, o vaivém das mãos, a cara de quem fala ou deixa de falar, porque tudo pode estar imbuído de sentido e expressar mais do que a própria fala, pois a comunicação humana é feita de sutilezas, não de grosserias. Por isso, é impossível reduzir o entrevistado a objeto (DEMO, 2012, p. 33).

Por se tratar de pesquisa de cunho etnográfico, basear-se na observação, vivência, descrição detalhada do campo ligado com a teoria, terá colaboração desses autores destacados e o âmbito da pesquisa. Acredito que só estando inserido no campo que consegui alcançar meus objetivos. Inserido no campo utilizarei o diário de campo descrevendo aquilo que com a entrevista não foi identificado ou não dito, Peirano (2014) ajuda a compreender que:

Boas etnografias cumprem, pelo menos, três condições: i) consideram a comunicação no contexto da situação (cf. Malinowski); ii) transformam, de maneira feliz, para a linguagem escrita o que foi vivo e intenso na pesquisa de campo, transformando experiência em texto; e iii) detectam a eficácia social das ações de forma analítica (PEIRANO, 2014, p. 386).

A entrevista semiestruturada é utilizada nessa pesquisa de acordo com o pensamento de Minayo (2003), que combina perguntas abertas, em que o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema. Quando fui colocar as falas desses sujeitos, busquei respeitar o código de ética dos antropólogos, razão pela qual foram dados nomes fictícios aos participantes nesta pesquisa.

A fotografia do local se tornou uma ferramenta essencial no trabalho etnográfico, foi essencial para registrar e colaborou na análise dos dados, de acordo com o pensamento de Landa (2014);

Existe uma grande diversidade metodológica na produção audiovisual, cuja finalidade é traduzir e interpretação cultural, mas também pode se tornar veículo de expressão de setores e grupos sociais, bem como sendo a referência precisa de um repórter ou um viajante. Portanto, a produção audiovisual também deve ser entendida como uma interface comunicativa onde um Diálogo intercultural, o desafio é como alcançá-lo. Imagem e pesquisa social (LANDA, 2014, p.727 - tradução nossa).

Sobre as imagens do texto as fotos que foram demonstradas se encontram em preto e branco para uma maior sintetização de cores e visualmente técnico. De acordo com o pensamento de Augusto e Toutain (2016), porém, ao observar uma foto em preto e branco, são inevitáveis outros efeitos interpretativos sobre a imagem que está exposta, dado um

maior espaço subjetivo em suas interpretações pela ausência das outras cores a foto se destaca pelos seus efeitos simbólicos posta na imagem.

Na terceira, e última etapa, ao final, quando as fontes já haviam indicado algum nível de satisfação em relação às informações requeridas, foi realizada a (5) análise dos dados mediante a seguinte sequência: i) observação do campo, ii) coletas através de entrevistas orais e anotações do diário de campo, ambos foram analisadas relacionando com o referencial teórico e assim foi realizado a sistematização dos dados e a elaboração do presente trabalho.

## CAPÍTULO II - ESTUDOS ANTROPOLÓGICOS PERANTE A ÓTICA DA MORTE E DO MORRER

“... o indivíduo, ao falar do que sente, comunica-se consigo mesmo através dos outros, compreendendo, por meio desta expressão, aquilo que sente (REZENDE; COELHO, 2010, p. 62).

Adentrar nos debates que permeiam as questões ligadas à morte e ao morrer nos convida trilhar por caminhos da teoria antropológica voltada para este tema. O capítulo dois é esse trilhar, no qual busco desenvolver um debate amparado em autores que apontam para o sistema cultural na construção do sentido atribuído à morte e ao morrer na vida coletiva. De acordo com Motta (2008, p.25) a morte impõe-se como fato social, a produzir repercussões sobre diferentes dimensões da vida humana.

Para o pensamento antropológico, o sentido da morte é abordado como fenômeno mutável de tempos em tempos na sociedade, sendo possível identificar diferentes configurações. A cada configuração, agentes sociais se inserem na experiência do morrer e da morte, resultando em mudanças na espacialidade e lugar social deste fenômeno. Dessa forma, desenvolvo um debate amparado em autores que apontam para o sistema cultural na construção do sentido atribuído à morte e ao morrer na vida coletiva.

Inicialmente será destacado um breve pensamento dos estudos da Antropologia das Emoções nesse processo de ritual para em seguida compreender as suas representações sociais perante a ótica da morte e do morrer. É preciso destacar que se devem compreender esses elementos de interpretações como uma teia de significados (GEERTZ, 1989). Serão descritas formas culturais e ritualísticas de um grupo social na instituição do cemitério Senhor da Boa Sentença, no bairro do Varadouro, considerando que o ritual se trata de um sistema cultural de comunicação simbólica (PEIRANO, 2003).

Motta (2008) relata que os autores sociais sobre o rito *post mortem* está relacionada por uma necessidade social emotiva. O mundo dos vivos, os mortos passam por um trabalho contínuo de memória e recordação de indivíduo achegando ao grupo social ao qual o morto pertence (p.27). Assim, essas relações estão relacionadas por uma necessidade emotiva que perpassa para o mundo dos mortos.

Ainda continuando sobre essas relações a ótica de Lutz e White (1986), nos estudos da Antropologia das Emoções há um diálogo com os estudos de ritual abordando especificamente a transformação cultural da experiência do indivíduo. E um dos debates é

até que ponto o estudo do ritual pode ser explicado pelas emoções dos sujeitos participantes, considerando que seja possível compreender que a qualquer tempo e em qualquer lugar, a vida social é sempre marcada por rituais (PEIRANO, 2003, p.7). Rituais na concepção de Peirano (2010) se destacam em partilhar alguns traços: uma ordenação que a estrutura, um sentido de realização coletiva dos grupos com propósito definido. Assim, a ação ritual é compreendida consiste em uma operação feita em um objeto símbolo com o propósito de uma transferência imperativa de suas propriedades para o recipiente (idem, p.12).

Entre os nomes estabelecidos na Antropologia, especialmente no que tange aos elementos constitutivos do ritual a qual é um dos temas abordados nesse trabalho, é possível destacar Van Gennep (1978) *com os ritos de passagem* e a noção de mudança de status social de um indivíduo mediante a sua transição mediada pelo cumprimento do ritual; Nesse ritual, o exemplo da morte é exposto no capítulo XIII em sua obra que fala sobre “funerárias”, o mesmo esclarece que, o luto é uma característica desse processo do ritual da morte. Portanto, ser considerados como “ritos de reintegração na vida social”, e que durante o luto os vivos e os mortos constituem uma sociedade especial situada entre o mundo dos vivos, de um lado, e o mundo dos mortos, de outro. (VAN GENNEP, 1978, p.121).

Victor Turner (1974), que enfatiza as noções de *liminarietà* e *communitas*; e Mary Douglas (1976), com a obra *Pureza e perigo*, onde considera as distinções hierárquicas entre os sentidos de integração e ameaça tanto para objetos, animais e seres humanos. Todas essas perspectivas contribuem para um debate que considera a morte e os seus devidos processos de rituais.

Victor Turner (1974) com o *Processo de Ritual* no capítulo sobre “Liminaridade e communitas” destaca o pensamento de Van Gennep (1978). “Que determina como “fase liminar” – que são ritos que acompanham toda mudança de lugar, estado, posição sociais de idade” (p.116). E que esses ritos de passagem ou de “transição” tem três momentos: separação, margem ou “Liminaridade” e agregação.

De acordo com o autor, essa separação abrange o comportamento simbólico que significa o afastamento do indivíduo ou de um grupo, que de um ponto fixo anterior na estrutura social (Idem, p.116). Já durante o processo “liminar”, nessa margem se inicia através de um domínio cultural com poucos, ou quase nenhum, dos atributos do passado ou do futuro. É na última fase da reagregação que se consuma o processo de passagem assumindo uma nova situação social (TURNER, 1974, p.116-117).

De acordo com o Turner (1974), a morte faz parte de duas formas desse processo – há um forte simbolismo que associa a mudança de estatuto a uma morte (o indivíduo morre para uma condição e renasce em outra); a própria morte é objeto desses rituais, passando-se por separação, Liminaridade e agregação quando ocorre o falecimento de alguém do grupo. E os ritos fúnebres podem ser destacados como exemplos. Esse processo será destacado no esquema e posteriormente detalhado, como é esse processo de ritual de passagem é (re)vivenciar no dia dos Mortos;



Imagem1. Fase liminar do ritual de passagem. Feito pelo próprio autor.

Como se pôde ver, o esquema mostra a fase liminar e relaciono o ritual fúnebre nesse processo. Quando o indivíduo morre ele é separado do convívio social e se inicia a separação como o afastamento do ponto fixo de uma estrutura, na margem que é o *processo liminar* o mesmo se encontra “transitando” entre lugares que podem ser classificados em estruturas em movimento no qual o indivíduo tem pouco ou quase nada dos atributos do passado ou do futuro – é o momento que o corpo está sendo velado de acordo com cada especificidade de cada grupo, e quando o corpo é enterrado no cemitério<sup>8</sup>

<sup>8</sup> Lembrando que nem todos os povos enterram e nem têm cemitério, esse exemplo está sendo dado pensado no campo da pesquisa, mas tem outras formas como a cremação ou por exemplo, do “Himalaia: Existem grupos budistas que esquartejam os corpos das pessoas que faleceram e servem de comida para os abutres, já que para eles o corpo humano não tem mais qualquer outra função que não seja dar continuidade à natureza; Coréia do Sul: Lá, a cremação é o processo que se dá aos mortos, porém as cinzas não são jogadas em algum

inicia-se a agregação que é consumada na passagem, assumindo, finalmente, uma nova posição social.

Entre esse processo encontra-se também a *communitas*. Como a condição liminar implica em indivíduos sem hierarquias, sem poder, essa condição "oferece uma mistura de submissão e santidade, de homogeneidade e camaradagem" (TURNER, 1974 p. 98), que é o modelo que surge no período liminar onde nas relações humanas há pouca ou nenhuma estrutura (TURNER, 1974) e esse membro da *communitas* nesse processo seria os enlutados, que a morte estabelece esse fim momentâneo das hierarquias no grupo diretamente afetado pela morte de uma pessoa. Turner (1974) faz referência a Mary Douglas (1976), que aquilo que não pode ser classificado é considerado impuro, e um perigo para estrutura da maneira que ela está posta nas suas relações sociais.

Pensando nos termos de Mary Douglas (1976), traz-se uma questão no debate de impureza ao pensar que a mesma implica uma relação sobre a díade fundamental de *ordem e desordem*, o ser e o não ser, a forma positiva e a forma negativa, a vida e a morte (DOUGLAS, 1976, p.9). Percebem-se determinados comportamentos nesses processos de rituais durante a menstruação, pelo nascimento e pela morte. Esse ritual separa a vida da morte: "os mortos, se não forem separados dos vivos, enlouquecem-nos" (Idem, p.127). E trata-se o sujo relacionado com a morte tornando-se como forma de impureza. E ressalva que a morte desafia todos os sistemas metafísicos, mas nem todos encaram este desafio de frente (Idem, p.123).

Nesse sentido, podemos pensar a morte como um fator impuro nos aspectos dos cemitérios. O município, logo, faz criação de uma lei que proíbe os enterros nas igrejas, devendo então acontecer nos cemitérios afirmando que segundo Reis (1991) teve um distanciamento sobre o sepultamento que acontecia nas igrejas. Lembrando que o Brasil era oficialmente com predominância católica. Esse evento ocorreu na Bahia, na qual formas de tensões na resistência contra o cemitério. O município efetiva uma concessão para o primeiro cemitério a ser construído na Bahia.

Diante disso, o grupo começou a se organizar para derrubar essa lei – que quanto mais eles lutavam, mais forte ficava a lei, sem sucesso de derrubar ordem, ocorreu a "Cemiterada" (1836), revolta ocorrida contra a construção do cemitério do Campo Santo. No dia da inauguração a população caminhou em direção ao cemitério derrubaram os

---

lugar especial ou no mar, nem mesmo guardadas em algum recipiente; elas viram miçangas, ou seja, as pessoas possuem comprimidos em pedrinhas os restos mortais de seus entes queridos" Notícia disponível < <http://varelanoticias.com.br/veja-os-10-destinos-e-rituais-mais-estranhos-dos-mortos-ao-redor-do-mundo/> > acessado no dia 09 de Setembro de 2019.

muros, e assim, o evento ficou conhecido como “Cemiterada”. Logo após todo esse acontecimento, a população que era contra o cemitério foi acometida por uma doença epidêmica que se propagou a morte de uma parte da população, então as pessoas começaram a temerem os mortos para não serem punidos. Com isso, os cemitérios seriam aceitos e seus rituais fúnebres passaram para festivos.

Mas, com toda a proposta de higienização desse sepultamento ser longe das igrejas, o cemitério começou a ser estereotipado como algo sujo e longe das cidades e percebe que “a pureza é inimiga da mudança” (p.196). Mary Douglas (1976) ajudar a pensar essas relações de uma forma direta sobre todo esse sistema organizacional que está em busca de uma ordem sobre todas as responsabilidades morais, no que se tem que a sujeira é desordem.

## 2.1 MORTE E SEUS ESPAÇOS

Perspectivas que tratam o processo da morte como um objeto de estudo das Ciências Sociais (ÀRIES, 1982; ELIAS, 2001; FOUCAULT, 1978; KOURY, 1983; MARTINS, 1983; NEVES, 1998; MENEZES; 2003/2004) pensam o tema da morte buscando entender seus significados na sociedade ocidental e como o sistema coletivo que são os grupos sociais participa deste processo. Em razão das novas problematizações que surgiram relacionadas ao fenômeno da morte, as Ciências Sociais debruçaram-se mais enfática e sistematicamente nos estudos da temática na década de 1960, classificando a morte entre dois modelos: (1) tradicional e (2) moderno.

Segundo a concepção tradicional (1), de acordo com Àries (1982) o lugar da morte geralmente se reservava ao quarto em que o moribundo dormia, pois quando ele morria, o local se tornaria “espaço público”, com a comunidade circulando no ambiente e as crianças tendo livre acesso ao funeral. A morte e a vida não eram algo individual e sim coletivo. Por essa razão, a passagem da vida para morte era celebrada por uma cerimônia mais ou menos solene, que tinha por finalidade trazer a interação da sua linhagem com a comunidade na qual o indivíduo estava inserido<sup>9</sup>.

Os valores do grupo são significativos no processo de morrer do indivíduo. E com isso, é preciso deixar nítido que o moribundo, está junto com os membros da comunidade em todo o seu processo de morte como é ressaltado por Ariès (1982):

---

<sup>9</sup> Àries (1982)



[...] a morte, tal como a vida, não eram atos individuais, mas um ato coletivo. Por essa razão, à semelhança de cada grande passagem de vida, ela era celebrada por uma cerimônia sempre mais ou menos solene, que tinha por finalidade marcar a solidariedade do indivíduo com a sua linhagem e sua comunidade (ARIÈS, 1982, p.658).

Reis (1991), em *A morte é uma festa*, contribui para uma historiografia regional desenvolvida no Brasil, descrevendo todo o processo da proibição de fazer enterros nas igrejas e o monopólio funerário no início do século XVIII. O autor descreve o processo de transferência do lugar do sepultamento e sua representação na sociedade. Nesse processo, o ritual de sepultamento, antes realizado nas igrejas, foi transferido para os cemitérios. Isso deu às funerárias uma fonte de renda, expressão do monopólio do grupo sobre o indivíduo. No entanto, essas novas práticas se tornaram formas de sedimentação da sociedade e de estratificação social (SILVA, 2017).

Uma breve relação com o cemitério como espaço de sociabilidade para os vivos, de acordo com Reesink (2012) essa relação do cemitério com o grupo, destaca que as pessoas que afirmam ir aos cemitérios em dia de Finados são para matar a saudade de um parente ou amigo morto. Todavia, o caráter mais doloroso deste tipo de saudade é a sua impossibilidade de ser completamente “morta”.

No que se refere à transição da morte tradicional para a moderna<sup>10</sup>, Menezes (2004) esclarece que entre os séculos XIX – XX a morte do indivíduo começou a ser dramática –, e é a partir daí que começa o início social do distanciamento da morte. No XIX, com a ampliação dos processos de medicalização na sociedade, em que “as famílias passaram a delegar os encargos dos cuidados dos seus moribundos às instituições médicas – então fortalecidas e reorganizadas” (MENEZES, 2003, p.105). Martins (1983) problematiza essa forma de morte tradicional relatada por Ariès. Ele explica que o processo de transferência do moribundo da comunidade para os hospitais desponta como uma forma de alívio da consciência humana: não sabemos lidar com o enfermo que pode morrer ou está próximo da morte, por isso aliviemos a nossa consciência mandando-o para o hospital no momento da agonia, para uma morte limpa, técnica, higiênica, mas, solitária e desumana (SILVA, 2017).

---

<sup>10</sup>A partir da 1ª Grande Guerra, a morte moderna se instaura como prática social no Ocidente. Os avanços tecnológicos voltados para a guerra, a partir das duas guerras mundiais, foram também aplicados à medicina, de modo que no século XX ocorreu tanto uma racionalização do morticínio em massa como uma passagem para uma prática médica racionalizada e tecnologizada. (Menezes, 2003) Em *Um nascimento para morrer: última etapa na construção social contemporânea da pessoa?*, Campos (2003/1998) colabora para o esclarecimento da instauração da morte moderna.

A partir desse processo ocorre o deslocamento do moribundo do seu contexto social. Houve uma mudança de espaço do local da morte, uma vez que a tradicional acontecia em meio a comunidade e na moderna o processo do morrer foi praticamente transferido para os hospitais – lugar dos médicos (Menezes 2003), “que enfocaram pioneiramente a passagem do monopólio dos cuidados ao doente – e o moribundo – da família e dos cuidados religiosos para o médico e suas instituições” (MENEZES, 2004 p.27).

Nos estudos das Ciências Sociais sobre o deslocamento da morte, Foucault (1978) enfatiza que o moribundo inicia um novo processo de institucionalização e medicalização, demonstrando a passagem dos cuidados dos familiares, comunidade e religiosos para as instituições e os profissionais da saúde<sup>11</sup>. Antes do século XVIII, o hospital era uma instituição de assistência, separação e exclusão, e não do doente a ser curado, mas do pobre destinado a morrer. O hospital da época era um “morredouro”, segundo Foucault (1979, p. 102).

Para Elias (2001), a morte não é terrível, o indivíduo dorme e o mundo desaparece, o que é terrível é a dor dos moribundos não sendo contextualizada nas esferas sociais. Como descreve em sua citação;

A morte não é tão terrível. Passa-se ao sono e o mundo desaparece – se tudo correr bem. Terrível pode ser a dor dos moribundos, terrível também a perda sofrida pelos vivos quando morre uma pessoa amada. Não há cura conhecida. Somos parte uns dos outros. Fantasias individuais e coletivas em torno da morte são frequentemente assustadoras. Como resultado, muitas pessoas, especialmente ao envelhecerem, vivem secreta ou abertamente em constante terror com a morte. O sofrimento causado por essas fantasias e pelo medo da morte que engendram pode ser tão intenso quanto a dor física de um corpo em deterioração (2001, p.76).

Cada época tem suas peculiaridades delimitações sobre o que significa uma “boa morte”. Na Idade Média, a morte era vivida de uma forma diferente da atual, o planejamento de morrer, e a aproximação da família eram fatores essenciais para caracterizar uma morte tradicional. O indivíduo fazia testamento, organizava os espaços, e todos os que o ficavam distribuía os bens de acordo com o que estava estabelecido no testamento, e a família prosseguia com os seus desejos (SILVA, 2017).

Já Koury (2003) colabora fortemente com o pensamento da Antropologia das emoções no Brasil, seus estudos sobre o processo social e de formação e experiência no plano cultural e social nas representações sociais perante a morte. Tem trabalhado com o

---

<sup>11</sup>Pensamento destacado por SILVA, Weverson Bezerra, *Pensando a morte: uma revisão bibliográfica*, Ciências Sociais (TCC – Trabalho de conclusão de curso), João Pessoa/PB, 2017.

processo da morte, do luto e das representações de ambos no imaginário social. Na obra que será detalhada posteriormente sua análise deixa de lado as relações entre os conceitos de tradicional e moderno – as quais foram relatadas anteriormente e ressaltar as conformações e os modos de vida nacional enquanto expectativa de uma população urbana sujeita aos mesmos estímulos e práticas de ação

As pesquisas analisam a relação entre a sociedade e o luto no Brasil urbano contemporâneo. Koury (2003) busca compreender como o brasileiro urbano expressa o sentido de luto e identidade as mudanças e permanências nos costumes e ritos da morte e do morrer. De acordo com Koury (2003) após os anos de 1980 o Brasil passa por uma série de transformações estruturais no plano cultural, tornando comuns as expectativas e o conjunto de experiências reais e imaginárias sobre regras de comportamentos e ação a todo o complexo urbano da nação (p.9). E indagam suas práticas, usos e costumes sociais que intermediam e orientam o agir individual de quem sofre uma perda e o processo do luto.

Por fim, é pertinente destacar que a morte torna-se um objeto de representações coletivas, de uma produção variada sobre a morte de si e dos outros. Sua apreensão em um sistema revela o objetivo maior de incorporá-la à vida (NEVES, 1998, p.60). Com o que foi compreendido os estudos da mesma se direcionam como um sistema de representações que pode revelar aspectos que auxiliam no conhecimento de determinados grupos e suas relações sociais, uma vez que cada grupo social constrói o seu processo de representação de acordo com o contexto social, princípios ideológicos relacionado com aspecto econômico e religioso e histórico em que o indivíduo está inserido.

### **CAPÍTULO III – ETNOGRAFANDO O DIA DOS MORTOS NO CEMITÉRIO SENHOR DA BOA SENTENÇA.**

[...] a morte mata, mas os mortos não morrem (DA MATTA, 1987, p. 158).

O Dia de Finados ou dia dos mortos – significa algo que findou, acabou ou morreu - é um feriado religioso, dedicado a orações e homenagens de diversas formas aos entes queridos que já partiram, como entrega de flores, objetos simbólicos e acender velas. É um momento favorável para solidarizar-se com o seu morto, orando a Deus pelo perdão dos seus pecados e pela sua salvação. Mas é momento também de pedir e agradecer à alma do seu ente falecido por possíveis intercessões, muitas delas inclusive já realizadas (ARAÚJO, 2009, p.40). Quando refletimos sobre o processo ritualístico ligado ao morrer percebemos que a morte não pode ser entendida em sua totalidade como algo negativo, mas algo criativo à medida que oferece condições para ritualizar e reatualizar o sistema simbólico, que mobiliza e estrutura de determinados grupos (MOTTA, 2009).

Frente a esta colocação podemos pensar o dia de finados como fazendo parte deste processo de ritualizar e reatualizar às relações sociais que envolver a sociedade nos processos sociais.

Reesink (2010), em diálogo com dados levantados por Schmitt (1999), afirma sobre esse dia:

O dia de Finados, que ocorre em 2 de novembro, teve início no século XI, sendo o dia designado pela Igreja Católica como data em que a Igreja Militante (os vivos católicos) se lembra e se apieda da Igreja Penitente (as almas ainda não completamente salvas), sendo, portanto, uma data comemorativa muito antiga no calendário católico. Esta festa foi instaurada pelo Abade Odilon, de Cluny, França, por volta de 1030 (Schmitt 1999), expandindo-se, em pouco tempo, por todo o mundo católico como celebração de seus mortos (REESINK, 2010, 155-156).

Nos estudos sobre cemitério a origem do dia de finados sempre tem várias vertentes, estudos relatam ter ocorrido no século X, porém antes desse século, já existia uma memória aos mortos nos tempos do pré-cristianismo no século II, um grupo do paganismo antigo que tinha suas práticas próprias na celebração à memória dos mortos<sup>12</sup>.

---

<sup>12</sup> Dado disponível no link <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-46026338>>**Dia de Finados: como a celebração dos mortos, que nasceu entre os pagãos, foi incorporada pela Igreja.** Acessado no dia 29 de Julho de 2019.

O dia de Finados no Brasil é acompanhado de uma prática religiosa, que consiste em visitar os túmulos. De acordo com o pensamento de Negrão (2014), um momento no qual é possível observar a comunhão simbólica entre os mundos visível e invisível, é a celebração do Dia de Finados com suas rotinas e práticas em relação aos mortos. Esse é um momento em que as famílias costumam se reunir e se organizar para fazer os preparativos necessários a fim de que os túmulos dos entes queridos já falecidos possam ser preparados, embelezados, limpos para a “festa” (p.23). De acordo com Reis, 2009 *apud* Negrão, 2014;

o dia 02 de novembro passou a ser o dia especial dedicado à memória dos que faleceram, cabendo aos vivos a iniciativa de renovar, ano após ano, os laços para com aqueles que partiram desta vida. O fato de se ter um dia dedicado aos mortos no calendário católico ratifica a crença na vida eterna e necessidade de orações para com os mortos, na esperança que seus pecados sejam perdoados e, assim, possam estar na presença de Deus (REIS, 2009 *apud* NEGRÃO, 2014).

Lembrar-se do seu falecido no dia de Finados é recorrer para uma comemoração que tem uma perspectiva religiosa, cheia de recordação aos mortos. É uma interseção na expectativa que o mesmo esteja em um “bom lugar”. O termo bom lugar se origina quando na cerimônia católica que acontece no cemitério o discurso religioso no dia de Finados de bom lugar prevalece nas falas nesse processo de ritual. Araújo (2009) enfatiza esse pensamento do dia de Finados, que é uma grande comemoração festiva da morte.

Libanio (2008) faz uma crítica sobre relacionar o dia de Finados denotando como um feriado festivo, pois o mesmo ressalta que a visita aos túmulos nesse momento festivo denota o cuidado humano no último espaço terrestre:

O desinteresse social e a mera comercialização da festa de Finados, ao reduzi-la a puro feriado, denotam perda de substância ética de um povo. A compra de flores, a visita aos túmulos, as celebrações religiosas, como a lembrança ritual dos mortos, apontam-nos para a dimensão do nosso cuidado humano até mesmo para com os que nos deixaram. Revelam a origem última do apelo ético: o traço transcendente de todo ser humano. Ele não cabe nem no tempo nem no espaço de sua vida. Lá no túmulo não está o nada, mas o último sinal terrestre de sua grandeza (LIBANIO, 2008, p. 19).

Nesse momento será destacado o dia de Finados no Cemitério Senhor da Boa Sentença chamado com o nome popular de Cemitério do Varadouro. A estrutura que compõe esse ritual está dividida da seguinte forma: (1) O Cemitério do Varadouro (2) Comunidade Religiosa (3) Mercado dentro e fora do cemitério: aqueles que vivem da morte (4) símbolos e rituais (5) entre classes e suas posições no cemitério no qual os túmulos e suas posições da parte “baixa” e parte “alta” de um significado direto nesse processo do enterro.

### 3.1 O CEMITÉRIO DO VARADOURO: “ÚLTIMA MORADA”

*“Todos os cemitérios se parecem”  
(Machado de Assis)*



Imagem 2. **Entrada do cemitério e a Capela.** Acervo do autor 2019.

O cemitério Senhor da Boa Sentença, que até a década de 1930 teve a sua administração pela Santa Casa da Misericórdia, tem sua localização na Rua Sebastião de Oliveira Lima, s/n, em frente à Praça dia de Nobrega, uma praça que fica sempre cheia de moradores e comerciantes que trabalham diretamente com produtos para o cemitério. Pessoas que trabalham lá relatam que esse é o segundo cemitério de João Pessoa, pois existia outro antes dele, mas foi desativado e todos os corpos foram transferidos para o do Varadouro. De acordo com Albuquerque (2008), esse primeiro cemitério era o da Igreja da Misericórdia, onde atualmente esta o banco do Bradesco na Rua Duque de Caxias (p.18).

Hoje no ano em curso da pesquisa, o Cemitério Senhor da Boa Sentença já foi tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado (Iphaep) conforme Decreto Estadual nº 7.819/1978, não podendo ser destruído, nem sofrer intervenção sem autorização prévia do órgão. É importante destacar que o mesmo tem um valor histórico, cultural, arquitetônico nos túmulos, que tem um valor afetivo para a sociedade, esse valor do tombamento lhe atribuí por uma não destruição do local. “O relator do processo de

tombamento no Conpec, Damião Ramos, também enfatizou no parecer à importância da preservação do local. “O Cemitério Senhor da Boa Sentença é uma verdadeira aula de história e sociologia da nossa sociedade paraibana”, disse <sup>13</sup>.

O cemitério está localizado em uma área de 56 mil metros quadrados, com 15 quadras e mais de sete mil túmulos sendo considerado o maior cemitério público da cidade, porém existe uma controvérsia relativa às divisões das quadras, muitos relatam que são 14 quadras, e não 15, porque uma quadra tem dois blocos de covas rasas. Sobre a divisão dos funcionários, são distribuídos da seguinte forma: só têm um coveiro e um ajudante, três pessoas que trabalham nos serviços gerais, um administrador e outro auxiliar na administração que era dos serviços gerais e foi realocado de cargo.

Fundado em 1855, o cemitério do Varadouro que é chamado como “última morada”, onde foi/é enterrado um dos grandes representantes da Paraíba como: Maria de Lourdes, Padre Zé Coutinho, Tarcísio Buriti, João Agripino, Padre José Coutinho, Tarcísio Buriti, Antenor Navarro, Napoleão Laureano, Antônio Mariz, Rui Carneiro e entre outros.

Destacando-se também a importância da igreja, que foi o primeiro espaço construído na época onde ocorriam enterramentos. Na igreja ainda estão guardados os ossos de várias pessoas que estão sepultadas na parede e no piso, pois acreditavam que estava mais próximo de Deus<sup>14</sup>. Nesse processo, a Paraíba seguiu uma tendência comum na história das cidades, que com o passar do tempo passaram a regulamentar o espaço dos mortos, afastando-o da cidade dos vivos, abandonando deste modo o hábito de fazer enterramentos nas igrejas. Segundo o pensamento de Ariès (1975), o não enterrar mais os corpos nas igrejas, estava ligado à ameaça que esse tipo de prática passou a significar para a incipiente saúde pública.

Também Freitas (2006, p.04) menciona que as pessoas eram sepultadas na igreja nos pisos e paredes da igreja, e narra como esse hábito moldava as relações entre os vivos e os mortos;

---

<sup>13</sup> Disponível < <https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/cemiterio-senhor-da-boa-sentenca-em-joao-pessoa-e-tombado-pelo-iphaep.ghtml> > acessado no dia 18.Agosto de 2019

<sup>14</sup>YOUTUBE, **História da Paraíba / Boa Sentença** <<https://www.youtube.com/watch?v=oqaOgzjgUIA>> acessado no dia 18.Agosto de 2019.

É impossível falar da história dos cemitérios sem falar dos costumes fúnebres. No Brasil, desde a colônia, foi instituído o sepultamento eclesiástico, que se manteve em vigor até meados do século XIX. Era assim que a maioria da população era sepultada. Esse costume testemunhava aquela familiaridade entre vivos e mortos, aquele convívio próximo no espaço que durante muitos tempo foi característico de modo como a morte e os mortos foram percebidos em muitas sociedades ocidentais. Eles permaneciam entre os vivos, no espaço sagrado da Igreja (FREITAS, 2006, p.04).

De acordo com Albuquerque (2008), as leis municipais sobre a legalização dos espaços do cemitério entraram em vigor no ano de 1850 para a sua utilização. Deste modo, o espaço se tornou um local de sociabilidade, principalmente no dia de Finados, nos quais existem as crenças populares sobre o visitar o túmulo. Nesse dia, as sepulturas são cobertas por flores, velas acesas, limpeza nos túmulos e no espaço da população mais carente fazem à limpeza dos matos, essa diferenciação dos mais carentes se dar para quem é enterrado nas covas rasas. As zeladoras que fazem a limpeza no cemitério fecham nesse dia contrato diretamente com os familiares. Mulheres em sua totalidade, as zeladoras não são funcionárias efetivas do cemitério e fazem seu serviço de forma autônoma, entrando em contato diretamente com os familiares.

A imagem abaixo mostra o cemitério e suas divisões:



Imagem 3. **Imagem do Cemitério do Varadouro.** *Google Maps*



Ao olhar para a imagem do cemitério do Varadouro pelo *Google maps* estava com o pensamento de Morin (1970, p. 11), “o caminho da morte deve levar-nos mais fundo na vida, como o caminho da vida nos deve levar mais fundo na morte”. Que como os caminhos entre os mortos e os vivos têm mecanismos de relações diretas na perspectiva do simbólico em suas estruturas e representações – e essa imagem trouxe uma reflexão sobre como é os caminhos que levam a vida e a morte.

Na entrada do cemitério, houve a preocupação de fazer uma fileira de árvores, para primeiramente deixar o ambiente “mais harmonioso” e “vivo” – existe todo um simbolismo “percebe que cresceu seguindo o desenho da cruz”<sup>15</sup>. Olhando a figura acima na entrada do cemitério, do lado esquerdo, percebe-se o simbolismo da cruz, no qual começa a existir um cruzamento entre a religiosidade na representação de “vida” através das plantas. O verde prevalece nos corredores, nos espaços e entre os túmulos, muitas covas têm plantas ou jarros de flores. Os bancos debaixo das árvores são ocupados na maioria das vezes pelas zeladoras da limpeza, visitantes ou familiares.



Imagem 4. **Imagem do Cemitério do Varadouro.** Acervo do autor 2018.

Na imagem 4, podemos perceber a preocupação dos entes do morto em plantar em seu túmulo. Quando estava fazendo visitas ao cemitério, era perceptível nos discursos a relação do verde das plantas com a vida, de acordo com Bastianello (2016) esses espaços de paisagens urbanas com a vegetação em forma de Jardim é uma forma de manter a conexão entre os mortos com os vivos. E na imagem 4 também é perceptível pequenas

<sup>15</sup> Essa informação soube em um noticiário de televisão contando a história do cemitério.

mudas de planta nos túmulos e as árvores entre eles. O banco que está na frente é justamente o que foi dito anteriormente que os familiares se sentam. Um fator importante a ser destacado, é que esse espaço é considerado a parte “alta” do cemitério. Na parte “baixa” que está organizado as covas rasas, escutava que existia muito “mato e assim era suja”, essa parte é da classe popular (ALBUQUERQUE, 2008).

### 3.2 A COMUNIDADE RELIGIOSA

No período observado, foi possível verificar uma intensa atividade religiosa, sobretudo católica e evangélica. Do lado católico, os cemitérios de João Pessoa receberam a visita do Arcebispo da Paraíba, Dom Manoel Delson, que celebrou o dia de Finados com uma missa no Cemitério do Varadouro às 9h. Antes disso, às 7h, teve outra missa celebrada por outro Padre e posteriormente houve mais três sessões às 11h, 15h e 17h. O momento que teve mais gente na missa foi à presença de Dom Manoel Delson, que é um representante direto na Paraíba para comunidade católica.

A mensagem que era encaminhada no portal online sobre a celebração da missa, era a seguinte: “A solenidade dos Fieis Defuntos, segundo o Arcebispo, celebra em união e a conversão e salvação de todos”. Na fé, uns estão na glória e outros a caminho dela. “A morte significa só uma passagem, e devemos rezar pelos que já fizeram a sua e também por nós, para que todos encontrem a purificação do espírito e nos encontremos na morada eterna<sup>16</sup>”.

O discurso de morada eterna foi um dos pontos que prevaleciam na missa católica no dia de Finados no cemitério do Varadouro. Este processo de ritual é que, se o morto ainda não ocupou a glória eterna, o método de rezas e acender a vela faz parte desse processo: os que ficaram ajudam a estar a “caminho dela”. Nesse pensamento podemos retornar a ideia de Turner (1974) com a fase liminar do ritual de passagem que são ritos que acompanham toda mudança de lugar, e essa “alma se encontra” é o momento da agregação que o mesmo tem a separação e fez o processo de liminariedade.

Assim, é perceptível que nesse processo existe uma etiqueta moral, fazendo que os que ficaram reproduzam esse ritual não só de uma forma de lembrança, que está relacionado em um reflexo para o não esquecimento, como também por uma crença

---

<sup>16</sup> Disponível **confira os horários de missas nos cemitérios de João Pessoa nesta sexta – feira** < <https://www.portalt5.com.br/noticias/policia/2018/11/154133-confira-os-horarios-de-missas-nos-cemiterios-de-joao-pessoa-nesta-sexta-feira-2> > acessado no dia 18 de Agosto de 2019.

religiosa de fé, que interfere diretamente no processo de ritual ou um fator primordial desse processo.

O pensamento de Bispo *et al* (2012) colabora no pensamento ao destacar que o indivíduo busca na religião respostas para os grandes mistérios, e um desses mistérios é o fenômeno social da morte. Esclarece que os princípios religiosos estão presentes na sociedade, que interferem diretamente no processo de construção do significado da morte, e nos conflitos sociais sobre tema.

Nesse momento, com o pensamento de Bispo *et al* (2012) destaca-se que no dia de Finados do Cemitério Senhor da Boa Sentença, muitas pessoas fazem entregas de panfletos com significado da morte e o que acontece após a morte. São homens e mulheres que estão com a bíblia sagrada na mão, uns usam a farda da igreja outros com roupas “formais” camisa de botão e calça social, denotando um estilo que os identifica com os frequentadores de igrejas evangélicas ou Testemunhas de Jeová.

Na observação percebia que, ao direcionar o discurso para os familiares e amigos, essas pessoas iniciavam com um sorriso torto, sem mostrar os dentes, às vezes seguravam no ombro dos visitantes e perguntavam se queriam conversar ou receber um dos panfletos - todos os grupos religiosos identificáveis fizeram a entrega desses panfletos. De um modo geral, os familiares e amigos que estavam visitando seus mortos recebiam os panfletos, agradeciam e conversam. Nesse lugar cômputo que significa onde os caminhos se cruzam da comunidade religiosa e os familiares e amigos dos mortos, no qual o discurso oral dessa comunidade religiosa contribui no aparecimento de lágrimas para os que ficaram. Segue abaixo os panfletos da comunidade religiosa para o auxílio do significado da *post mortem*;



Imagem 5. Imagem dos panfletos religiosos. Acervo do autor 2018.

Como se pode ver, os panfletos iniciam com o seguinte questionamento: será que os mortos podem voltar a viver? Quando morre alguém que amamos e como lidar com a dor da morte, são frases que estão estampadas nesse manual que são distribuídos para os participantes do dia de Finados do cemitério. Neles, transparece a ideia de que a morte é um processo natural e que, no final, as coisas melhoram. São, portanto, mecanismos de conforto que as comunidades religiosas transmitem nesse processo de construção das atitudes diante da morte.

As mensagens dos panfletos não seguem um padrão. Para alguns, vivos e mortos irão se encontrar no céu, e lá passarão toda a eternidade depois da ressurreição, outros acreditam que herdarão a terra novamente, porém uma nova terra sem “dor”. Há diversas citações da bíblia nesses panfletos, com expressões como: “consola você quando morre alguém querido - 2 Coríntios 1: 3-4 ” , “ajuda você a não ter pavor da morte - Hebreus 2:15” e “dar uma esperança segura de reencontrar seus parentes e amigos que já morreram

– João 5: 28 – 29”<sup>17</sup>. Essas citações bíblicas demonstram diretamente o lugar da religião nesse processo do entendimento da morte no indivíduo. As ilustrações dos panfletos caracterizam um grupo de pessoas felizes encontrando seus mortos depois da sua morte ou na ressurreição.

Com isso, quero destacar dois fatores: nesse processo, o primeiro é que a religião católica é a única que tem um espaço de fala, e o que predomina no cemitério fazendo sua missa, destacando a sua predominância no espaço do cemitério, enquanto as demais ficam em um ponto fixo fazendo entrega dos panfletos ou em pequenos discursos orais de forma individual ou pequenos grupos.

E o segundo, que a religião é fundamental nesse processo sobre os modos individuais e coletivos de pensar e interpretar o fenômeno da morte. Dentro das concepções do que se ficou conceituado como morte tradicional, a religião permeou significativamente os ritos e o imaginário sobre o processo de morrer dos indivíduos (SILVA, 2017, p. 28). Sendo assim, pode-se perceber que o indivíduo procura na religião respostas que proporcionem conforto sobre o significado da morte que não são oferecidos pelos serviços médicos ou funerários, mas a partir de interpretações, o indivíduo é capaz de modificar os seus comportamentos na sociedade de acordo com o contexto religioso que o mesmo está inserido.

O significado da morte, na religião, possibilita um equilíbrio social, e no cemitério esse significado está diretamente ligado aos grupos religiosos que estão fazendo parte na comemoração do dia dos mortos. Os religiosos estão lidando diretamente com os que ficaram, com os seus sentimentos e emoções nesse processo de reviver as lembranças e o ritual de Liminalidade.

Para debater sobre a relação dos sentimentos, destaco o pensamento de Le Breton (2012), os sentimentos e emoções não são substâncias transferíveis nem do individual, nem do coletivo. A emoção é uma forma interpretativa, expressa significados e relações de acordo com o público, o contexto diferencia as suas diversidades e assim relaciona uma singularidade de cada pessoa, e os mesmos encontram conforto na religião para lidar com as emoções nesse processo de ritual do dia dos mortos.

A comunidade religiosa está presente no cemitério no dia de finados. Reesink (2010) ajuda colaborar com essa afirmação relatando que a missa religiosa funciona como

---

<sup>17</sup> Bíblia Sagrada

alívio para as emoções das almas precisadas. Segue um esquema dos grupos religiosos que fizeram parte dos dias de Finados no cemitério do Varadouro;



Imagem 6. Grupos religiosos no dia de Finados. Acervo do autor 2018.

Os rituais religiosos ocupam parte significativa das atividades humanas (D'ASSUMPÇÃO, 2008), e não podia ser diferente numa comemoração como o Dia de Finados. Como se observa nas fotografias acima, as Freiras estavam nos arredores no tempo da missa, colaborando o discurso oral e ajudando em ações sociais. Os evangélicos estavam na frente do cemitério evangelizando fazendo a entrega dos panfletos, enquanto outro grupo da igreja evangélica estava nos corredores do cemitério fazendo ações sociais verificando pressão e a taxa de glicose, fornecendo água, entre outros. E as testemunhas de Jeová, que eram minoria, fazendo a entrega de mensagens e conversando em frente a sua banca de panfletos, que tem o modelo de revista explicativa sobre a temática da morte.

Por fim, é necessário destacar que todos os grupos estavam espalhados no cemitério fazendo um canal direto com os seus frequentadores no dia de Finados. Um dos meus questionamentos foi sobre as religiões afrodescendentes que não foram encontrados

nesse processo – será que a sua não participação é por toda intolerância religiosa que é construída socialmente? Ou será que há outras formas e outras datas que os adeptos dessas religiões marcam sua relação com os mortos? Essas hipóteses e questionamentos só com um novo olhar para redarguir.

### 3.3 VIVER DA MORTE: O MERCADO DENTRO E FORA DO CEMITÉRIO

De acordo com Albuquerque (2008), em torno da morte e do morrer, de um lado, tem toda a questão da religiosidade e do outro a sobrevivência dos ambulantes, pois acontece de forma indissolúvel a devoção e o capitalismo, que transforma a morte em mercadoria. Então neste momento, é destacado outra aspecto do dia de Finados que é o caráter econômico desse fenômeno.

Conforme o aumento de pessoas que estão visitando o cemitério no dia 2 de Novembro, aumenta também a presença de vendedores ambulantes, tanto na rua em frente ao cemitério, na rua paralela da integração de João Pessoa do Varadouro, quanto em seu interior. Os ambulantes se concentram nesses espaços ocupados na comercialização dos objetos como velas e flores. Já no interior do cemitério é possível encontrar outras pessoas oferecendo serviços em troca de pagamento.

Negrão (2014) relata que o Dia de Finados era recebido ou lembrado com pesar, sentimentos, durante o dia, mais precisamente no período matutino, no qual é feito a limpeza dos túmulos e são colocadas flores e velas. As mulheres que são as zeladoras, que comercializam mão de obra do seu trabalho, fazem essas limpezas nas covas cobrando um preço fixo.

O cuidado nesse momento do dia de Finados em sua maioria é direcionado para as mulheres. De acordo com Perrot (2017), no culto dos mortos as mulheres tinham uma incumbência que é o cuidado com os túmulos. Florir e limpar os túmulos eram divididos para as mulheres e filhas, pois o cemitério está totalmente ligado como a última morada que também está relacionado como uma dependência do cuidado da casa que ocupa a posição da mulher.

Outro grupo em destaque são as crianças, que não estipulam um valor para a limpeza dos túmulos. Em certo momento fiquei conversando com algumas crianças que estavam ali e elas perceberam que eu não tinha uma cova ou túmulo para limpar, então concluíram que eu fazia parte do Conselho Tutelar e limitavam o diálogo comigo. Quando expliquei que não queria denunciar, começaram a conversar como eram as suas rotinas e

disseram que estavam ali para ganhar dinheiro e que usavam luva para limpar. Não havendo perguntado diretamente sobre esse assunto, achei interessante essa revelação das crianças sobre higiene e preocupação com a limpeza num ambiente marcado pela profanação da morte. Pensando com Mary Douglas, era possível perceber que o movimento de limpeza era, sobretudo, um movimento de separação e de ordem. A morte, nesse sentido, precisa ser mantida afastada pelo uso de luvas de borracha.



Imagem 7. **Limpando os túmulos.** Acervo do autor 2018.

Além desses serviços que foram relatados anteriormente, é pertinente evidenciar a compra-venda de outros produtos como churros, espetinhos de carne, pipoca, sorvetes e entre outros que se encontram dentro e fora do cemitério. Confesso que este foi um dos pontos que tive maior estranhamento, pois as pessoas compravam suas comidas e se direcionavam para o cemitério. Sentavam ou ficavam em pé com a sua alimentação, ficava sempre questionando esse meu estranhamento na pesquisa, desnaturalizar essa prática foi uma das minhas dificuldades, mesmo no dia de Finados ficando depois do almoço não me alimentava, meu pensamento era que “ali não é lugar para comer”, o máximo que conseguia fazer era consumir uma pastilha. O meu cognitivo não permitia que eu fosse comer longe do cemitério e voltar, eu precisava ir para casa, separar a roupa “suja”, e assim me alimentar. Esse é meu questionamento pessoal que sofri essas interferências no processo de socialização que “não poderia comer lá”, mas, essa prática de comer dentro do cemitério é uma rotina frequente no dia de Finados e o comércio de alimentos é instalado dentro e fora do cemitério, na parte externa, tem uma praça que se localizam os ambulantes e se torna um espaço de sociabilidade, quando eu fui a outras visitas, essa prática não é tão evidenciada. Um ponto que é importante destacar é que se come abundantemente no



México, inclusive o “*pan de muerto*” e também se comia nos cemitérios descritos por Reis (1991) em “a morte é uma festa”. Conforme pode ser visto nas imagens abaixo – a comercialização de alimentos no dia dos Mortos no cemitério do Varadouro;



Imagem 8. Barraca de espetinho e venda de churros e flores. Acervo do autor 2018.

Outro grupo que presenciei no cemitério, são as empresas mortuárias e cemitérios privados, que fazem a distribuição de panfletos e a comercialização de produtos após morte. Na entrega dos panfletos, inicia-se um discurso de venda, no qual é perceptível, com suas relações emocionais no dia de Finados tornam os visitantes mais acessíveis para o pacote de planos. Consegui constatar que a procura acontecia e as perguntas sobre os planos eram frequentes. Mas, um ponto importante para ser evidenciado são os planos direcionados para qualquer classe social à qual você faz parte. De acordo com Morais (2013) no mercado funerário asserção principal é o lucro, e esse mercado é passa satisfazer uma necessidade ou desejo, mas, define de classes econômicas.

Nesse momento podemos trazer relação com a citação de Morais (2013) acima, uma das empresas faz as nomenclaturas como especial, luxo, VIP ou master. E assim aumenta as vantagens e os benefícios sobre o conforto da sua morte. São benefícios que fazem que o indivíduo não se preocupe com sua morte para os familiares e “aproveite a vida”. Nesse momento é pertinente destacar o pensamento de uma morte moderna com a frase que existe no folheto “o resto deixa com a gente”, a morte tradicional, o cuidado do corpo estão totalmente direcionados à família, mas nessa concepção de moderna, o corpo desaparecerá da perturbação do cuidado entre os vivos (ÀRIES, 1975). Na morte moderna,

as instituições assumem essa posição do cuidar do corpo, e nisso, as instituições deixam aparente a não preocupação para os que ficaram nesse processo da morte. Segue abaixo os panfletos que demonstram o que foi dito anteriormente;



Imagem 9 . Panfletos das instituições mortuárias. Acervo do autor 2018.

É pertinente destacar os serviços do cemitério e relacionar com os valores dos outros cemitérios e perceber que o preço está totalmente ligado na posição social no qual o mesmo ocupa. Dos cemitérios públicos, tem o valor mais alto por toda a contextualização do seu tombamento pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado (IPHAEP), esses valores vêm diretamente da Secretaria de Desenvolvimento Urbano (SEDURB). A administração não tem um controle nessa padronização dos valores – mas em muitos dos casos, já constatei que de acordo com o contexto econômico que a família é inserida, o administrador diminui o valor de alguns desses serviços. A tabela a seguir mostra uma comparação do cemitério Senhor da Boa Sentença e dos demais cemitérios;

<b>Serviços</b>	<b>Cemitério Senhor da Boa Sentença – Valor R\$</b>	<b>Demais cemitérios – Valor R\$</b>
Sepultamento em Covas Rotativas	48,00	25,00
Sepultamento em túmulos	70,00	35,00
Exumação em covas rotativas	48,00	25,00
Exumação em covas túmulos	70,00	35,00
Licença de construção para Ossuários	70,00	48,00
Taxa de transferência de terreno perpétuo	223,00	185,00
Aquisição de terreno perpétuo	3.338,00	1.467,00
Velório	48,00	25,00
Entrada e Saída de Ossos	48,00	25,00
Licença de construção de Tanque	76,00	45,00
Licença de construção de mausoléu	95,00	58,00
Sepultamento de Anjo	25,00	15,00
Taxa de transferência de Ossuário	95,00	48,00

Tabela 1. Valores dos serviços do cemitério.

Comparar essa tabela é perceber que não só a estrutura do túmulo fala sobre o morto, mas a instituição na posição que a mesma ocupa em sua distribuição pela cidade. Fazendo uma comparação de um bairro popular e um bairro de classe média da mesma cidade para exemplificar essa tabela, os preços da mesma mercadoria são diferenciados por qual lugar que está vendendo e qual classe vai comprar. Sendo assim, fazendo a mesma reprodução entre a cidade dos vivos e cidade dos mortos em uma sistematização equivalente. Bellomo (2000) argumenta que, os cemitérios reproduzem a geografia social das comunidades e definem as classes sociais (p.13).

Enquanto Rocque (2001) *apud* Rodrigues (2014, p.35) relata que, Todavia, assim como na cidade dos vivos existem os bairros elegantes separados das periferias, que são com frequência destinada aos menos favorecidos, à cidade dos mortos também se configuraria em espaços diversos para ricos e pobres.

### 3.4 ENTRE CLASSES E SUAS POSIÇÕES NO CEMITÉRIO.



Imagem 10. **Partes do cemitério.** Acervo do autor 2019.

Na perspectiva de Campos (2007), o cemitério é onde enterram e guardam os mortos, tornando uma cidade dos mortos que é totalmente mantida pelos vivos. Nesse espaço dos mortos a sua posição retrata de uma forma evidente o significado de ocupar as primeiras covas. Nesta direção, Motta (2009) coloca o cemitério como espaço dos mortos e da distinção, um lugar que transparece as diferenças sociais, culturais, religiosas e econômicas.

Passando pelos primeiros corredores do cemitério da Boa Sentença, se localiza em sua maioria túmulos de diversos representantes da elite local, os mais luxuosos e de grande estrutura, esses espaços são privilegiados e reservados à nobreza em destacar a posição que ocupa no cemitério. A manutenção deles colabora para a qualificação do cemitério como um valor de patrimônio. Quando um túmulo da entrada não é conservado já relatam que “os familiares abandonaram e não deveria estar na entrada covas abandonadas”.

Quando se direciona nos corredores de baixo, é nítida uma diferença de classes. A parte “baixa”, como é chamada, foi uma ampliação do cemitério para enterrar nas covas rasas. Nesse lugar o administrador reclama do mato<sup>18</sup> que ocupa o local, e diz que as covas rasas são o “espaço sujo do cemitério”, um local sem muita ordem por estar sempre em rotatividade de corpos. As covas rasas têm pequenos muros pintados na sua grande maioria

---

<sup>18</sup> Albuquerque (2008) ressalta que existe uma ausência de serviços nos cemitérios, no qual, o seu espaço a hierarquia econômica e social é nítida, e na cidade de João Pessoa-PB, essa tal dinâmica está totalmente evidente nas edificações dos túmulos até na sua localização das quadras.

de rosa, azul, branco e verde ou apenas uma cruz. Não consegui conversar com os familiares sobre o porquê dos significados das cores dos túmulos por me sentir desconfortável e respeitar o momento deles com seus mortos, porém passando entre as covas era constatável que as mulheres estavam pintadas de rosa, os homens de azul e as brancas e verdes intercalavam entre mulheres e homens, percebendo toda uma divisão de gênero.

De acordo com o pensamento de Silva (2015) há um significado para as cores, o branco representa paz e pode ser pintado para ambos os sexos; o azul representa o céu e o verde tem o significado de esperança, de ressurreição e os dois está direcionando para o gênero masculino; já o rosa representa no túmulo delicadeza e é usado para pintar o túmulo de mulheres. Com isso, podemos perceber que as representações de cores que a sociedade classifica quais são as de mulher ou de homem e as cores neutras as mesmas são reproduzidas no cemitério direcionando as cores por características como delicadeza que se relaciona para o feminino, aspectos religiosos ou relação com natureza. Pimentel *et al* (2015) ajudam a pensar sobre que o cemitério não é um lugar alheio e distinto da sociedade, o mesmo está totalmente ligado com as repetições que ocorrem entre os vivos.

Nesse espaço no dia de Finados, é perceptível que mesmo com os discursos higienistas, os visitantes se sentam nas covas, levam a sua sombrinha e passam um momento com seu morto. Segundo Ariès (1975), a piedade pelos mortos, a visita e a veneração pelos túmulos resultam na atual prática e costume em novembro. Voltando do lado direito sentido centro de João Pessoa, os muros do final do cemitério são preenchidos pelos ossuários. Neles, os familiares também acendem a vela no chão e deixam as flores. Alguns deles se encontram abertos e em algumas situações, as ossadas ficam expostas. Mas, em sua maioria, estão identificados e lacrados. Nas fotos a seguir, é demonstrado como os familiares colocam as flores nos ossuários e a segunda imagem são os corredores das paredes dos ossuários. Ariès (1975), ossários atuava em um processo de dignidade dos mortos.



Imagem 11. **Ossuário.** Acervo do autor 2018/2019.

De acordo com o pensamento de Rezende (2000), quem faz os espaços dos mortos que é o cemitério, não são os mortos, mas os vivos. E os vivos tem uma preocupação de demonstrar pelos túmulos quem foi o mesmo na terra e que posição ele ocupou. Quem é da maçonaria tem seu espaço, quem é doutor tem o termo estampado na sua placa, como general, padres e entre outros. Percebendo assim que, “os seus túmulos tornavam-se os sinais da sua presença para além da morte.” (ARIÈS, 1975, p.50).

Para a sociedade, a importância das construções dos túmulos é que eles também representam os sinais visíveis da perenidade da cidade. Pois:

Pensa-se, e sente-se mesmo, que a sociedade se compõe simultaneamente dos mortos e dos vivos, e que os mortos são tão significativos e necessários como os vivos. A cidade dos mortos é o inverso da sociedade dos vivos, ou, mais propriamente que o inverso, a sua imagem, e a sua imagem intemporal. (ARIÈS, 1975, p.51).

Posteriormente, demonstro duas fotografias que representam a posição que o morto ocupou na sociedade em seu túmulo. O primeiro é de Antenor Navarro, um político brasileiro e engenheiro, que tem em seu túmulo um anjo com as mãos nos olhos. Esse monumento faz parte dos destaques do cemitério. Na minha chegada, ao realizar a pesquisa, o administrador pergunta-me se conheço o seu túmulo por ser um dos mais altos. E o segundo é o espaço reservado para os integrantes da maçonaria, que nesse se encontra o seu símbolo com sua logo na entrada do seu mausoléu demonstrando quem são os mortos que estão enterrados. Assim, pode-se perceber que as representações sociais dos mortos estão gravadas em seus túmulos para representar seu lugar e perceber que ali não se pode

enterrar ninguém que não faz parte da comunidade, que ninguém pode ser enterrado no seu terreno, se não fizer parte enquanto vivo do seu grupo.



Imagem 12. **Partes do cemitério.** Acervo do autor 2019.

O autor Hoffman-Horochovski *et al* (2001), colabora com o entendimento sobre essa desigualdade social, é que os caixões, as flores, o local do enterrar e ornamentação podem traduzir sentimentos, mas refletem diretamente sobre sua posição social que ocupavam em suas diferentes situações socioeconômicas.

### 3.5 SÍMBOLOS E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS;

Sobre o fortalecimento de laços e a renovação de práticas sociais, Negrão (2014) relata que o dia de finados ou dia dos mortos é um ritual que pode ser caracterizado como um momento de confraternização, no qual os laços sociais são fortalecidos e renovados, estando diretamente ligado aos processos simbólicos nas representações sociais mobilizadas no dia de Finados.

No pensamento de Rezende *et al* (2010, p.23), as emoções são consideradas qualidades fundamentais dos seres humanos, no sentido de caracterizar um núcleo essencial do indivíduo. Entender as emoções nesse processo de ritual é compreender que as intervenções da sociedade faz parte desse processo. Nesse momento, essas representações estão diretamente associadas com seus simbolismos que trazem uma relação direta nesse processo de ritual no dia 2 de novembro.

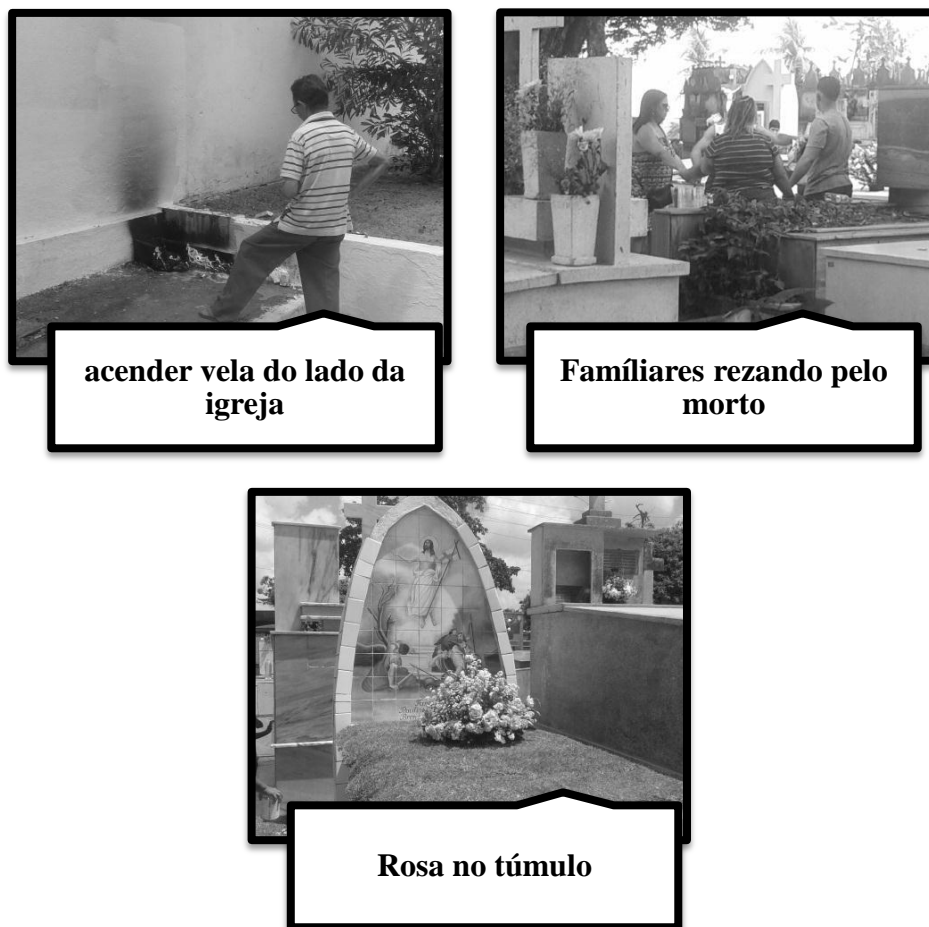


Imagem 13. **Montagem sobre símbolos e representações sociais.** Acervo do autor 2018.

As imagens acima mostram três momentos diferentes no dia dos mortos: usando práticas rotineiras e outras que só foram descobertas pela pesquisa de campo. A primeira fotografia é um senhor acendendo a vela do lado da igreja, questionei aos frequentadores do cemitério o porquê acender a vela do lado da igreja. Os interlocutores falaram que são corpos que estão desaparecidos e já são considerados mortos, ou até mesmo pessoas que foram enterradas no cemitério nas covas rasas e os ossos foram perdidos, e o acender as velas ajuda a iluminar os caminhos daqueles que já se foram - a palavra vela, que fornece iluminação a um aposento, É um deverbato de velar, que por sua vez significa vigiar, vigilar (LINS, 1995,p.126). A mesma esta associada com liturgia cristã metaforizando a própria fragilidade da vida, além de servir como contraponto à própria morte, percebida a partir dos símbolos da escuridão. De acordo com o pensamento de Franch e Falcão (1991):



A morte, com seu simbolismo de trevas, exige símbolos luminosos como a luz das velas. Acender velas na ocasião da morte ou na lembrança de alguém que morreu faz parte da simbologia católica desde os seus começos. Até hoje, a vela é um dos símbolos mais fortes do catolicismo, especialmente dentro da tanatologia, estando presente em todos os rituais relativos aos mortos (velório, túmulos, Dia de Finados, missas de aniversário de morte, entre outros) (Franch e Falcão, 1991, on-line).

A segunda imagem mostra a família e amigos fazendo uma reza que mais uma vez, estamos dentro da litúrgica cristã, que a reza é direcionada para o seu ente querido. Nesse processo se encontram homens, mulheres e crianças fazendo essa homenagem com orações e flores ao morto.

De acordo com Oliveira; Callia (2005) relata que esse momento de interação entre os grupos no dia dos mortos na tentativa de colaborar o homem em seu confronto com a morte, e consequentemente com a separação nesse ritual, foi criado centenas de manifestações culturais nesses rituais como, celebrações, rezas, cultos, danças, cânticos e expressões dramáticas. O fato de a morte marcar um fim físico requer um ritual ou uma atitude de respeito (idem, p.09).

Ainda sobre essa relação do indivíduo no processo de expressar “reza” Mauss (1979) carrega diversas contribuições nos estudos voltados à teoria do ritual e o estudo da “prece” que pode ser considerado um rito e colabora nessa representatividade como um sistema religioso, que está dirigido para as tradições sagradas, acreditando que “não é na prece individual que está o princípio da oração coletiva; ao contrário, é no caráter coletivo que se encontra o princípio da oração individual”<sup>19</sup>. Assim, ainda que a prece esteja relacionada a fenômenos religiosos, seriam nas instituições sociais que os “motores” religiosos produziram modificações que se perpetuam por intermédio dos atos de religião e de devoção (MEDEIROS ; SILVA 2012, p.219).

Já Reesink (2009), a prece sendo um canal de comunicação entre vivos e mortos. Primeiramente, a prece como “gesto mínimo”; segundo, a prece como “composto”; por fim, a prece como “relação-comunicação” entre mortos e vivos (p.30). Esses gestos e ritos de prece não se referem apenas a pedidos e a súplicas, à busca pela salvação completa das almas dos entes queridos ou à confirmação de uma catolicidade (idem, p53).

Defender que a prece é um ritual de fundamental importância no sistema religioso católico, desse modo, considera que a prece faz parte de um conjunto maior no sistema de relações entre os vivos e mortos, expressar as emoções no processo da visita ao cemitério nesse sistema religioso é algo constante quando se percebe as formas de representatividade do ente

---

<sup>19</sup> Menção: para compreender sobre o tema disponível < <http://ea.fflch.usp.br/obra/prece>> **A prece**, acessado no dia 08 de Setembro de 2019.

querido e toda a história, as mesmas são constituídas por olhares, sorrisos, lágrimas e até mesmo segredos (NEGÃO, 2014).

E nesse ritual cheio de emoções e lágrimas, nesse caso, não só de uma forma individual e sim coletiva, de acordo com Rezende *et al* (2010), as emoções são consideradas fenômenos que acontecem no corpo, tanto na função de sua origem quanto também de suas manifestações (p.25).

E a terceira imagem são flores de acordo com Franch e Falcão (1991) “as flores são um símbolo católico tradicional da ressurreição e da vida eterna. Ligam-se aos símbolos cíclicos da vegetação, que, pela sua vez, encontra-se com os símbolos lunares nas estruturas sintéticas”. Com o intuito da lembrança, procedimento bastante frequente no Dia dos Mortos como forma de homenagem. Os familiares levam as flores na mão e fica uma fileira imensa na frente do cemitério esperando a entrada. Como no início do cemitério é o local que se localiza as ações sociais e os ambulantes colocam sua mercadoria, é necessário esse controle, visto que posteriormente coloca no túmulo, local que demonstram as emoções. Na chegada ao túmulo e quando retorna para casa, são os dois momentos de comoção esse momento foi observado quando estava acompanhando a rotina das famílias e amigos dos mortos. Na imagem abaixo mostra a quantidade de gente para entrar no cemitério.



Imagem 14. **Fila para entrada no cemitério.** Acervo do autor 2018.

É pertinente dizer que para essas representações sociais no dia de Finados em acender velas, colocar flores, e todo o simbolismo da religiosidade é preciso destacar que existe um poderio social que é o indivíduo sobre o agir na perpetuação da prática. Acontecendo então toda interferência da tradição religiosa, no espaço do cemitério, como

forma na percepção de lugar, existindo então uma experiência do evento de finados numa relação entre os vivos e os mortos. Percebendo assim que no cemitério, memória, cultura e história se articulam (BASTIANELLO, 2016).

Entender que o dia 2 de Novembro segundo Déchaux (1997) o dia dos mortos, é uma ritualização familiar, tendo características de uma celebração familiar. Percebendo as práticas dessas relações entre ritualização familiar e dia de Finados. Isso que dizer que, o dia dos mortos se destaca por ser um momento no qual os vivos se confraternizam com os mortos.

Destaco que em vida o indivíduo comemora seu aniversário no dia do seu nascimento, e refletindo sobre a morte, o dia de finados é o momento de comunhão que pode ser realizada essa harmonia de uma forma individual e/ou coletiva não só na concepção de relembrar, mas de perceber que, numa organização social, os indivíduos encontram mecanismos para uma continuidade recíproca totalmente afetiva ou coercitiva para uma justificação da deslembração. Os que ficaram agora tem três datas para lembrar-se do que morreram (1) o dia do nascimento, lembrando a idade que o finado teria se estivesse vivo, (2) o dia da morte adicionando anos após ano quanto tempo fez seu ritual de passagem – essas datas são pessoais e intransferíveis e (3) o dia 2 de Novembro que é geral para todos os mortos, essa data é a que soleniza indo ao cemitério com objetos simbólicos. De acordo com Franch e Falcão (1998), as lembranças do indivíduo são mantidas através de fotografias quando estava vivo, acendendo velas no ritual do Dia de Finados, guardando cuidadosamente esses momentos comemorativos do nascimento e da morte.

E com toda a lembrança iniciam-se os dispositivos de ligação entre vivos e mortos, onde se cruzam a religiosidade, o simbolismo e o mercado, que é um dos dispositivos de manutenção desse ritual. Os objetivos simbólicos que destaco são as flores e velas que são objetos de trocas que se caracterizam como dádiva - uma das rochas humanas sobre as quais estão erigidas nossas sociedades (MAUSS, 2003 p.42) - que sustenta uma sociedade junta, tendo como base a morte e o ritual dos mortos como fato social total que envolve todos os aspectos do sistema social (MAUSS, 2003), na perspectiva de uma perpetuação dos que já foram para o que ficaram e os que estão por vir dando uma continuidade e fortalecimento de cada grupo social no dia de Finados.

Se faz necessário evidenciar o pensamento de Mauss (2003) na concepção da dádiva como uma regra moral que estabelece a coletividade, assim fazendo que o sistema de visitar no dia dos mortos, afetiva aos vivos - formas de obrigações no sentido de troca. Levar flores e acender velas é “acender” a vida dos que se foram e também a reza se

torna um sinal que os vivos enviam aos entes queridos para reafirmar o seu amor e tornar vivas em sua memória as lembranças, possibilitando assim “mortos felizes” de acordo com o pensamento de Reesink (2010), fazendo com o que os que ficaram possuam um elo moral com os que se foram.

#### **CAPÍTULO IV - O TÚMULO MAIS VISITADO: “MARIA DE LOURDES PEDE ORAÇÕES E PERDOA SEUS ALGOZES”**

Nesse momento, irei me debruçar sobre a história da Maria de Lourdes, que ocupa o túmulo mais célebre do cemitério do Varadouro, trazendo para isso depoimentos orais sobre suas memórias, que foram transmitidas de geração a geração. Parto do princípio de que a identidade do ser social é construída através das memórias dos outros, que podem deixar de serem memórias individuais para se tornar, em determinadas situações, memórias coletivas. Essas memórias se perpetuam pelas gerações e trazem significados que remetem a valores dos grupos sociais em questão (POLLAK, 1992).

Os cemitérios, nesse sentido, além de servirem de abrigo de memórias individuais e familiares, podem também conter memórias coletivas, normalmente em torno dos túmulos de personagens com alguma singularidade. Em sua pesquisa, Albuquerque (2008) relata que os túmulos mais visitados do cemitério do Varadouro são o do Padre Zé e o da menina de Lourdes, ambos relacionados com a religião católica e ditos como milagreiros. Os casos abaixo são relatos sobre a Maria de Lourdes, que se mostrou, em minha pesquisa, como uma memória mais ativa. Nesse momento do capítulo será descrito entrevistas que foi realizada com auxílio do gravador e diário de campo.

Começarei com o relato de Fabiola uma senhora, branca, alta e de cabelo curto, que não mora mais lá perto do cemitério, a mesma enfatiza da seguinte forma sua relação com Maria de Lourdes e seu contato com o cemitério, a mesma foi à única que preferiu escrever e mandou para meu e-mail a sua relação com o cemitério do Varadouro e Maria de Lourdes;

Na minha infância, morei na Rua São Miguel numa casa muito simples, como toda casa daquela região, era uma casa de aluguel, morava com meus pais e meus dois irmãos, estudava também muito próximo, na outra rua. Naquela época, aproximadamente, 40 anos, em 1981, eu e minha irmã brincávamos no Cemitério Senhor da Boa Sentença, foi lá que tive contato com o túmulo da Maria de Lourdes, menina morta por contexto de violência, desde à época, sabia que foi morta por ter sido acusada de furto pela sua patroa, era a história que nos era apresentada, inclusive, de que a mesma era santa. Então, eu e minha irmã, Flávia, mais velha e alguns amigos da rua, íamos ao cemitério, eu ia rezar, pois de sociabilização católica, lembro que muitas vezes me ajoelhei e rezei e fazia pedidos, não me lembro quais, mas recordo de que o túmulo era bastante visitado, sempre havia réplicas de pedaços de corpos como cabeça, pernas, braços feitos de material similar aos de velas. Havia, também, réplicas de casas de

madeiras, remetendo a promessas relativas à casa própria. Recordo, ainda, que, no do Dia de Finados, era um túmulo com bastantes flores. Veio-me à memória [quando o pesquisador comentou sobre a garota] da história dessa garota. Nesse instante, remetendo-me à minha infância. A casa que morava o muro ‘dos fundos’ é confinante ao cemitério, na época, a casa era dita por todos os vizinhos que era mal assombrada. Sobre esse aspecto, lembro que minha avó dizia havia esses medos. Mas aponto que a casa era conhecida, “vocês moram na que escutava pessoas arrastando pés de madrugada, a minha irmã dizia que via as coisas, eu vivia com medo, um dia meio que um sonho quase que real alguém de mão peluda alisou os meus braços após levantar o mosqueteiro. Na época, atribuí ao medo, a um possível sonho por viés do medo sobre a casa. Recordo ainda que, ao dormir, no quarto de meus pais na casa mal assombrada”. Ainda, em relação à Maria de Lourdes, menina em forma de estátua, com vestido azul e que na cabeça sempre tinha arranjos de flores de um material plástico, muitos terços em suas mãos postas. Aponto que a tinha como santa, eu deveria ter no máximo sete anos de idade, reproduzia os rituais católicos, batizei minhas bonecas no Jesus crucificado que fica de frente ao cemitério, num ritual com velas, ajoelhadas. Hoje, tentei refletir quem me apresentou a história de Maria de Lourdes, a menina santa, acredito que não foi a minha mãe que apesar de católica não era religiosa, tenho memória vaga sobre como conheci essa história, mas a impressão que tenho é que foram as crianças, pois, por ser a rua do cemitério, as crianças tinham conhecimento sobre Maria de Lourdes e eram elas que diziam sobre o mal assombro da minha casa. E sobre frequentar o túmulo e batizar as minhas bonecas no Jesus Cristo defronte ao cemitério, enfatizo, na época, não fazia como brincadeira, era meu ritual religioso. [Fabiola<sup>20</sup>]

O segundo depoimento é da irmã da Fabiola, a Senhora Flávia uma senhora, que se mudou, mas estava pelas redondezas e queria conversar sobre sua relação com o cemitério e que relata sua relação com a Maria de Lourdes;

A pequena menina de Lourdes, eu estudava ali perto do cemitério em um colégio particular e a gente saía com a turma para fazer promessa (pra passar de ano) porque disseram que é uma santa que tem poder porque ela é uma criança e é um anjo, que ela foi morta por violência doméstica. Cheguei lá no cemitério tinha um bocado de gente lá acendendo aquelas velinhas ao redor da imagem da menina e as pessoas disse que tudo que pedia conseguia porque ela era uma criança, ela por ser uma criança ela tinha esse poder de alcançar graça para as pessoas. Ai eu perguntei a uma senhora o porquê as pessoas acendiam uma velinha pra ela, ela disse que porque fazia promessa, porque era como por ser uma criança e ela tinha esse poder de conseguir graça e as pessoas faziam promessa e conseguia graça com ela. Ela foi morta por violência doméstica, agora eu não lembro se foi espancamento, se foi queimada, sei que ela sofreu muito na mão parece que foi da patroa dela, parece que ela foi acusada de roubo,

---

<sup>20</sup>Todos os nomes são nomes fictícios

tinha roubado parece que foi um colar e ela foi torturada. E até hoje as pessoas fazem promessa com ela e alcança. Eu mesmo já fiz promessa com ela e já alcancei. Toda vez que eu saía do colégio eu passava lá, acendia uma vela, ficava lá e tinham muitas pessoas lá fazendo promessa com ela e disseram que já tinham alcançado muita graça. Disse que ela é uma santa milagrosa, por ela ser pura, não ter maldade. Uma criança que foi muito torturada e hoje as pessoas fazem promessa com ela. Dizem que ela é milagrosa! [Flávia]

De acordo com o relato de Fabiola e Flávia, duas irmãs que tiveram em sua socialização a predominância da religião católica, morar em uma casa “mal assombrada” era uma situação constantemente lembrada – “lembrando que minha avó dizia havia esses medos” de fantasma e chegando até a sonhar com situações sobrenaturais. Ambas as irmãs narram que tiveram acesso de forma afetiva com o túmulo da Maria de Lourdes.

Em seus discursos é preciso destacar como o túmulo em questão se torna lugar de devoção por adultos e, sobretudo, por crianças, que dão a Maria de Lourdes tratamento idêntico ao que se dá aos santos oficiais da liturgia católica – ajoelhar e rezar, acender velas, fazer pedidos. Chamo a atenção para o fato de alguns desses pedidos remeterem a assuntos “de criança”: quando Fernanda estudava em um colégio particular do bairro, a turma ia até o túmulo de Maria de Lourdes fazer promessa para passar de ano. Essas preferências das crianças têm a ver com as circunstâncias em que ocorreu a morte de Maria de Lourdes, de acordo com as histórias que circulam sobre ela: morreu criança e vítima de uma injustiça. Como ela morreu criança, é a Santa das crianças, e assim muitas crianças fazem pedidos e até deixam brinquedos para ela, pois dizem que, quando em vida, Maria de Lourdes não conseguiu brincar. Como afirma Menezes (2000), é necessário existir certa afinidade entre o fiel, o santo e o pedido que se faz; fazer pedidos para um Santo específico é “pedir a coisa certa ao santo certo” (MENEZES, 2000).

Para compreender as representações do Santo e seu efeito nos fiéis, me reporto a Fernandes (1990), para quem as graças atravessam na imagem do santo, que é fonte de milagres;

A imagem do Santo, que todos sabem ser de material perecível, não é reduzida, por isto à condição de uma figura simbólica. É de gesso, de barro, ou de madeira, mas é nesses elementos que a santidade efetivamente se manifesta, de modo a ser vista e ser tocada. A matéria não é morta. Ou melhor, o lugar do Santo destaca-se porque, nele, a morte foi efetivamente vencida. Não se trata apenas de um sinal, ou promessa, de uma vitória a ser alcançada em outro plano de existência. No realismo fantástico da devoção aos santos, vê-se a ultrapassagem das finitudes naturais (FERNANDES, 1990, p.116).

Ainda continuando com o relato das irmãs Fabiana e Fabíola, e acompanhando o pensamento de Fernandes (1990), vejo que a santidade vence a morte que permeia a matéria e a figura simbólica da Maria de Lourdes, proporciona a realização de pedidos de acordo com os seus devotos, que já disseram ter tido promessas alcançadas ou simplesmente acreditam na sua possibilidade de fazer milagres. “Ela é uma santa milagrosa, por ela ser pura, não ter maldade. Uma criança que foi muito torturada e hoje as pessoas fazem promessa com ela”. Como vemos, há uma associação simbólica entre infância, pureza e ausência de maldade, e uma referência à tortura que remete ao suplício dos santos católicos.

Associação semelhante pode ser encontrada no parque Cruz da Menina, no qual, localiza-se em Patos no Sertão da Paraíba, tive a primeira aproximação nesse espaço sagrado de Santos Populares e conheci a história quando eu fazia o nono ano do ensino fundamental. A confraternização desse processo de ritual de passagem do ensino fundamental para o ensino médio foi conhecer a história da Menina Francisca que vivia com seus familiares e passava uma grande seca, não brincava e sempre ficava na janela vendo outras crianças brincarem. Era uma criança que morreu espancada vítima dos pais adotivos no ano de 1923, e posteriormente depois do ato de matar, o corpo foi deixado no sítio Trapiá pelos mesmo que matou. Um agricultor que estava à procura de local para plantar achou o corpo da Menina Francisca com marcas de espancamento, os seus pais disseram para toda a comunidade que a mesma tinha desaparecido, passando o tempo foi descoberto que os mesmo mataram, uma cruz foi colocada e iniciou uma tradição que todo mundo que passasse na cruz deveria rezar, então todos que passaram nesse local faziam oração pela menina morta. Seis anos depois teve a primeira promessa, que pela grande falta de água um poço foi aberto e com êxito teve água, e como forma de agradecimento pela essa graça conquistada teve a inauguração do Santuário para Menina Francisca em 1929. O local da Pedra retribuiu com o milagre da água – com isso o povo começou a acreditar que a mesma fazia milagres, lembro-me do homem que contou essa história chorava muito, e como eu e meus colegas de turma éramos adolescentes teve uma afetação por Francisca ser criança. Nessa excursão conhecemos a capela que se tornou centro de romaria no Estado da Paraíba, e na mesma têm várias fotos, casas de madeiras, objetos que trazem uma relação direta com o corpo como cabeça, braço, perna e entre outros que são os locais de oração, e também nesse parque Cruz da Menina tem lanchonetes e venda de artigos religiosos que colaboram na manutenção turística da economia de Patos.



Retornando sobre Maria de Lourdes como já foi dito, hoje o seu túmulo é um dos mais visitados. A santificação desse túmulo se expressa, igualmente, pelo depósito que os fieis fazem dos mais diversos ex-votos: “sempre havia réplicas de pedaços de corpos como cabeça, pernas, braços feitos de material similar aos de velas. Havia, também, réplicas de casas de madeiras, remetendo a promessas relativas à casa própria.” Esses objetos ainda são deixados em uma parte em cima do túmulo. De acordo com Rosendahl (1999, p.88-89), “O ‘ex-voto’ é a materialização de um agradecimento pela cura atribuída ao santo protetor” e “cada objeto ofertado na Sala dos Milagres possui um significado concreto designado pelo objeto”.

O dia que mais é recorrente essa prática é no dia de Finados<sup>21</sup>, “Pois, o mesmo fica repleto de flores e velas percebendo que graças a estas trocas recorrentes, estabelece-se e mantém-se uma solidariedade entre as duas sociedades, a humana e a divina.” (SANCHIS, 1983, p.48).

Na relação que existe entre fiel e o santo popular, cabe ao devoto expressar sua devoção para o Santo de forma que não haja mediação institucional entre eles. Ao devoto cumpre agradecer pela proteção e graças recebidas que foram pedidos de uma forma direta indo a sua imagem ou fazendo o seu pedido em outro local. Daí o cuidado ao realizar o pagamento de promessas, ofertas, orações, romarias, homenagens e festejos em geral (ARAÚJO, 2009). Na imagem abaixo, vemos a escultura no túmulo de Maria de Lourdes, com flores deixadas pelos seus devotos;

---

<sup>21</sup> Para uma compreensão sobre uma relação dos féis ao dia de Finados. De acordo com o pensamento de Carvalho (2008) “Multidões acorrem aos cemitérios e isso revigora a fé na comunhão dos santos. Além disso, o Dia de Finados convida a uma reflexão profunda sobre o significado da morte. Ao vir a este mundo, o ser racional inicia também sua viagem para deixar um dia esta terra.” (CARVALHO, 2008, p.19).



Imagem 15. **Túmulo Maria de Lourdes.** Acervo do autor 2019.

Essa terceira entrevistada é a Severina a zeladora do cemitério, uma senhora, parda, de cabelo cachado, e de estatura pequena, é quem limpa o túmulo da Maria de Lourdes. Em seu relato, também explica o que motivou a morte da menina, reafirmando o relato popular, além de discorrer sobre uma graça alcançada pela sua fé que tem pela menina;

É tem... Vá diga... Tava lá em baixo e passou pra cá. Ela estava em uma casa em treze de maio, ai foi e sumiu uns lençóis lá e uma joias, ai a patroa dela julgou ela, como tivesse sido ela que tivesse roubado mas só que não foi ela, foi a outra. Aí a policia veio pegou ela, levou pro, deu uma pisa nela. Ela morreu de uma pisa que deram nela, deram na cabeça e na barriga e nos braços dela... Isso aí é promessa que a pessoa faz e alcança até eu mesma fiz uma promessa com ela fui caminhando até a Maria de Lourdes pedi uma casa e eu alcancei graças a Deus, voltei e paguei a promessa... Fazem promessa aqui... [Severina, mulher que limpa a cova da Maria de Lourdes]

Nesse momento podemos perceber o percurso da Severina para alcançar a graça de sua casa. Ela foi ao túmulo de Maria Lourdes, que é um local fixo, fez o pedido e alcançou a graça solicitada No relato acima foi constatado que a Severina voltou e pagou a promessa, o “sinal de um voto cumprido em retribuição a uma graça alcançada.” (MENEZES, 2000, p.323). Dar, receber e retribuir, os três momentos da troca maussiana estão aqui representados na relação que as pessoas estabelecem com os santos, e no caso específico, com Maria de Lourdes, elevada à condição de milagreira pelos seus devotos. O Santo Popular é um canal de proteção para os seus devotos e tem uma relação com o

catolicismo. O papel do santo na vida dos devotos é muito ativo e significativo, ele é o elo entre o sagrado e o humano, o representante do humano diante de Deus e vice-versa. (OLIVEIRA, 2008, p.60). Ainda sobre o poder do santo, (1997) afirma:

o santo está na sua imagem, mas não se identifica com ela. É como se a imagem tivesse vida: com ela o devoto conversa, a ela oferece flores e velas, enfeita, visita no santuário, leva em procissão e romaria; mas pode também vir a ser punida pelo mesmo devoto quando este se sente desprotegido pelo santo (OLIVEIRA, 1997, p.46).

A mulher da floricultura Hermione, uma senhora branca, dos olhos claros que faz a comercialização das flores do cemitério e também vende bomboniere e conhece a história da Maria de Lourdes, se expressa deste modo sobre as promessas e a comercialização das flores para ornamentação do seu túmulo;

Então, todo mundo conhece a história da Maria de Lourdes eu até me emociono quando falo, no dia de finados todo mundo vem aqui e deixam flores, objetos e brinquedos para ela. Ela morreu porque roubou lençóis e uns objetos ai que alguns dizem que são joias. No dia de finados eu vendo muitas flores e vem direto pessoas visitar o túmulo da Maria de Lourdes, alguns fazem até promessas e voltam para agradecer. [Hermione]

Vemos que na descrição de Hermione, a inocência de Maria de Lourdes não é um dado, como nas outras interpretações aqui apresentadas. Já o funcionário Pedro um senhor negro, relata a importância e a relação da Maria de Lourdes com o Padre Zé. Segue a sua fala e a imagem do túmulo de Padre Zé;

... A história do Padre Zé eu acho que a maioria do povo de João Pessoa conhece (O pessoal mais antigo). O padre Zé era uma pessoa que. (Tem família dele ainda aqui Dr. Felix, você conhece? [Não] Era sobrinho dele e era uma pessoa muito caridosa ele viveu em prol de servir e tirar esmola. Quando ele não tava na cadeira de rodas ele ainda dava toda assistência lá onde é o padre Zé, era tipo uma capela ai agora fizeram o hospital antes dele morrer mesmo. Fizeram o hospital e ele saia pedindo aos comerciantes numa cadeira de rodas. Todo dia de finados o pessoal traziam pra aqui a cadeira de rodas dele... Você vem se você vier aqui dia de finados você vê. Eles trazem e deixam aqui. Ai as vezes bota ali e ele tinha uma varinha com uma sacolinha, ai ele batia no peito assim pedia e o pessoal dava... Foi não. Foi ele que fez o sepultamento dela [Maria de Lourdes] lá em baixo ali junto da igreja nesse tempo era cova rasa ai depois apareceu duas senhoras que tinham um espaço e tiraram de lá, ele mandou exumar ainda e trouxe pra aqui ai deixou a covinha com diz bem mixurucazinha e essas duas senhoras são devotas de Maria de Lourdes ai fizeram essa do jeito que está agora. Porque antes não era de mármore era só encimentado ... Foi assim, quando ela apareceu o povo já sabia que não tinha sido ela só que tinha já tinha feito como diz o ditado não dá pra desmanchar. Ficou o tempo todinho ela ali, ai o padre Zé mandou exumar e trouxe pra aqui... Dizem o pessoal que a patroa depois de descobrir que não tinha sido ela, enlouqueceu e morreu

doida com câncer.. Já apareceu ai, agora não no meu tempo não, já apareceu família de Maria de Lourdes mas também nunca fizeram nada.  
[Pedro]



Imagem 16. **Túmulo do Padre Zé.** Acervo do autor 2019.

João o pedreiro, um senhor negro, aposentado e chegou ao cemitério com 8 anos, e frequenta o cemitério até hoje, tem orgulho de dizer que colabora com a manutenção do cemitério. Sempre sentado nos bancos iniciais do cemitério “jogando conversa fora com os amigos”. Os demais funcionários falam que ele é o que sabe da história com profundidade, e ao direcionar para o mesmo, comecei a conversar sobre o acontecimento da Maria de Lourdes, nessa conversa ele olhava fixo para mim e perguntou se era para falar no gravador, eu disse que sim, e perguntei se tinha problema, o mesmo disse que não, ajeitou a blusa e posteriormente direcionou o olhar para o túmulo e disse pausadamente e com tranquilidade que;

Ela trabalhava em uma casa de família... ela tinha 10 anos de idade aí a dona da casa suspeitaram que ela tinha roubado uns lençóis uns negócios aí. Naquele tempo em 1965 tinha uma policia mirin no estado de João Pessoa na Paraíba que entregaram ela pro réu mirin e deram uma pisa na menina que matou. Ela tinha 10 anos, deram uma pisa a policia mirin que matou... Ai ela foi enterrada naquela cova da terceira quadra ali, ela passou 2 anos lá enterrada lá na cova terra ai alguém da igreja do padre Zé Coutinho fez um negocinho pra ela ai sabe? Aí outras pessoas já foram fazendo promessa ai tendo êxito fez aquela vaga ali pra ela... foi exatamente, ai o pessoal foi fazendo promessa e alcançando sabe ai reformaram do jeito que esta ai... Exatamente, a família morreu também, desgraçou gente também já, morreu também. Morreu mas de câncer a mulher que entregou ela a policia... Todo mundo visita aqui, todo mundo visita ela aqui. [João]

Com os depoimentos relatados acima, se resume que a criança Maria de Lourdes foi vítima de linchamento até a morte por um suposto roubo, em seguida a mesma foi enterrada em um local distante da entrada do cemitério pelo Padre Zé. Após de descobrir que a mesma não tinha cometido o roubo houve a necessidade de trazer o corpo da jovem para um local de destaque no cemitério, assumindo a posição central do lado da administração, tornando-se túmulo de destaque do cemitério.

Com essa mudança de local, sendo trazida para a parte principal e mais antiga do cemitério, a tumba de Maria de Lourdes, “A santa popular”, assume em definitivo o seu papel de rota de peregrinação dos seus devotos o povo reconhece seus santos populares vendo, em suas histórias, elementos tais como dádivas, sofrimentos e purificações, de modo que possa fazer proteção, própria dos santos (ARAÚJO, 2009), construindo assim um espaço de busca de graças. De acordo com o pensamento dito anteriormente sobre essa nova ressignificação, Mafra (1997) fortalece esse pensamento de pessoas que tiveram um fator social das trajetórias para essa caracterização de Santo Popular;

É que no catolicismo popular brasileiro é quase rotineiro, se não fosse milagroso, que pessoas com trajetórias inusitadas – são prostitutas, videntes, suicidas, amantes, revolucionários – passem a receber flores e velas nos seus sepulcros depois de mortas tornando-se centros de romaria, consagradas assim, pela devoção popular, como mediadores com o transcendente. (MAFRA, 1997, p.135).

Ao mesmo tempo em que é possível perceber a relação entre posições e representações dentro de uma lógica de valor humano – no caso dela, passando ao campo do santificado – e os usos dos espaços dentro do cemitério como um espaço de um sistema controlador. Como já foi dito, os relatos escutados em campo, em linhas gerais, destacam infância, pureza e sacrifício como elementos simbólicos centrais na devoção a Maria de Lourdes.

Sobre as pessoas que Maria de Lourdes trabalhava alguns relatos, inclusive, acrescentam uma possível punição à patroa que cometeu injustiça contra a menina, que falam que a mesma teria ficado louca, para alguns, ou com câncer, para outros, os seus devotos de Maria de Lourdes fala que à patroa mereceu, pois não deixou uma criança ter sua vida em paz.

Por fim, na cultura Brasileira, pronunciar o debate da morte é perceber que existem diferentes sentidos em torno da mesma. Algumas das classificações mais comuns são “morte morrida x morte matada”, que correspondem à morte violenta e à morte por velhice ou doença. Cada uma dessas mortes caracteriza uma forma diferente de especificar

sua causa e, desta forma, o seu significado (RODRIGUES, 1983). No caso da Maria de Lourdes, é central no debate a percepção de que a sua foi uma morte matada com total violência de linchamento pela sua patroa, familiares desta e a polícia mirim. De acordo com Araújo (2018), o linchamento acontece como forma coletiva de punição sobre o indivíduo, geralmente em espaços públicos, sendo executados por um grupo de pessoas. No caso em questão, o “linchamento”<sup>22</sup> fez parte de todo um arcabouço de julgamento e estigma a que Maria de Lourdes foi exposta. Somente depois de morta e enterrada, é feita uma ressignificação desse fato, com o descobrimento do engano pela sua morte de linchamento. De acordo com Araújo (2018):

o linchamento possui um caráter espontâneo e situacional, mas a base para a sua recorrência não se encontra na irracionalidade dos indivíduos ou numa insanidade coletiva direcionada por emoções, mas numa cultura que perpetua formas de justiça extralegal e, em certa medida e em contextos específicos diante de valores, à diferenciação dos próprios indivíduos (ARAÚJO, 2018, p. 36-37).

E todo esse significado de uma morte matada que é mal vista socialmente pelos grupos sociais o processo de ressocializar da Maria de Lourdes por toda a culpabilização pelas consequências de como foi sua morte se inicia através do Padre Zé sendo referência católica e seus devotos que faz essa remoção do corpo e coloca a mesma como destaque, pois de acordo com o pensamento de Araújo (2009) os Santos populares são reconhecidos por todo o sofrimento que foi tido na terra, e Maria de Lourdes sofreu, teve uma punição não sendo culpada.

E assim, começa com um novo sistema de reintegração da mesma sendo bem vista socialmente por sua inocência não provada em vida, mas que a reabilita no *post mortem*, transferindo seu corpo para um túmulo de destaque, entendendo assim que a sociedade encontra meios para maquiagem os lapsos corriqueiros. Tornando Maria de Lourdes um patrimônio simbólico e uma manifestação cultural religiosa da população de João Pessoa – PB como concessora de milagres.

---

<sup>22</sup> Termos utilizado em decorrência do campo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar a vida como uma roda é, com certeza, refletir sobre a circularidade dos movimentos das pessoas vivas, em especial daquelas que ficaram vivificadas em nossa memória e, de certa forma, compreender a vida como uma travessia entre o nascimento e a morte, sem que esta última signifique um fim. (SILVA, 2007, p.259)

Escrever as considerações finais de um trabalho de final de curso é rememorar os processos que levaram o mesmo a existir, assim como relembrar os trajetos que trouxeram até aqui. São movimentos que vão me construindo dentro do fazer antropológico, trazendo novas provocações sobre os processos sociais que envolvem a temática da morte. É neste movimento que finalizo a escrita deste trabalho e enveredo pelos debates que compõem o tema trabalhado nestas páginas, compostas de vivências, aprendizados e reflexões.

Este trabalho que teve como objetivo compreender o cemitério como um espaço social, desnudando a relação entre o Dia dos Mortos e as representações simbólicas do túmulo mais visitado, tem como pretensão trazer à tona várias questões imensas sobre o processo do morrer representado no cemitério Senhor da Boa Sentença, localizado no bairro do Varadouro, sabendo que o mesmo retrata a história da cidade de João Pessoa - Paraíba. A percepção da dinâmica social que envolve o cemitério com suas práticas socioculturais, e as relações sociais que construídas entre os indivíduos, ajudou a compreender o espaço do cemitério como lugar marcado pelo simbólico, ressaltando que o cemitério não é apenas um lugar para depositar os mortos, ou um patrimônio histórico, mas um espaço que traz consigo demarcadores social de diferenças.

Quando trago a epígrafe acima é porque ele representa o meu sentimento de pertencimento. Sinto-me numa roda – numa circularidade de movimentos entre motivações, começos, términos e recomeços. Estudar os rituais de cemitério é estar no meio de uma roda de incertezas e circularidades. Sendo assim, esse trabalho partiu do desafio de percorrer a construção histórica da Antropologia da morte como objeto de estudo desde os clássicos sobre um fenômeno no antropológico dos rituais no espaço do cemitério.

E perceber que o mesmo é construído por histórias e memórias que entrelaçam sobre formas ritualísticas e simbólicas na perspectiva de pensar o tema estudado por suas diferenças com seus sistemas particulares e subjetividades em todo o processo de alteridade. E com tudo isso ter a história da Maria de Lourdes que contribui para a percepção por parte da comunidade - sobre sua devoção e perceber todos os seus

significados na construção *post mortem* tendo uma representatividade simbólica para João Pessoa- PB sendo um patrimônio cultural à Santa popular pelos seus devotos.

Por fim, posso destacar que diante toda a importância do tema, trabalhos como esses colaboram para que possamos entender que antropologia é um dos principais propulsores para o debate dos temas que estão diretamente nas relações sociais dos indivíduos, até mesmo a morte que é vista como um tabu, ou até mesmo todo o estigma que é construído pelas as instituições que são os cemitérios.

Porém o presente trabalho contribuiu para a desnaturalização do estigma do mesmo ser um local “sujo” ou “assustador”. E perceber que antes de tudo, a imagem da morte é uma sombra permanente que nos remete à consciência do homem sobre sua própria morte e o significado dela no ritual propicia o fortalecimento das interrelações entre vivos e entre vivos e mortes. Com isso, é necessário afirmar a onipresença da morte no mundo dos vivos (FRANCH; FALCÃO, 1991), com seus signos e significados.

Conclui-se o trabalho como processo de graduação em Ciências Social bacharelado, no qual, deve abrir-se caminhos para trilhar no necessário debate sobre a temática da morte, buscando perceber como os envido através de seus processos socioculturais e vivenciam a experiência de lidar com a morte – colaborando no entendimento do tema no aspecto relacional. O cemitério Senhor da Boa Sentença assim como este trabalho são exemplos de que as relações sociais são representadas dentro dos rituais simbólicos do morrer, compactuando e concluindo com o mesmo pensamento de Silva (2015) no qual os mortos e vivos se integram e fazem parte do mesmo universo fortalecendo os laços sociais. Pois, de acordo com Bachelard (1989, p.30) vida e morte são, em suas imagens, contrários bem distintos.



## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Francisco de Assis Costa da, *os cemitérios públicos na cidade de João Pessoa – PB* bibliográfica, CCEN 00006/10- TCC – Trabalho de conclusão de curso/UFPB, João Pessoa/PB, 2008.

ARAÚJO, Maria das Graças Ferreira de. *pequenas romarias para pequenos santos: um estudo sócio-gráfico sobre o dia de Finados*. Pontifícia universidade Católica de Minas Gerais programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Belo Horizonte, 2009.

ARAÚJO, Esdras Bezerra Fernandes de. *“Já que Justiça solta... o povo não!”: um estudo sobre a justificação moral do linchamento*. Monografia (Graduação em Ciências Sociais) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2018.

ARIÈS, Philippe. *O homem diante da morte*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981.

ARIÈS, Philippe. *Sobre a história da morte no ocidente: desde a idade média*. 2.ed. Lisboa: Teorema, 1975.

AUGUSTO, Gilucci. TOUTAIN, Brandão Lúcia. *A semiótica da imagem fotográfica digital em preto e branco*. Salvador, v.10, n.3, p. 136-146, dez. 2016.

BASTIANELLO, Elaine Maria Tonini, *a memória retida na pedra*, a história de Begé inscrita nos monumentos funerários (1858-1950), Editora, Pallotti, 1ª edição Bagé, 2016.

BELLOMO, H, R, Cemitério do Rio Grande do Sul. A arte funerária. Porto Alegre: Edipucrs, 2000.

BERREMAN, Gerald. *“Por detrás de muitas máscaras”*. In Alba Z. Guimarães (org.), *Desvendando máscaras sociais*. RJ: Francisco Alves editora.

BERTAUX, Daniel. *Narrativas de vida: a pesquisa e seus métodos*. Natal: EDUFRRN; São Paulo: Paulus, 2010. COMBINATO, Denise, QUEIROZ, Marcos. *Morte: uma visão psicossocial*. São Paulo: Estudos de psicologia 2006. 209 – 20.

BACHELARD, Gaston. *A chama de uma vela*. Editora Bertrand Brasil S.A. 1989, Rio de Janeiro.

BISPO, Tânia Christiane Ferrei, SILVA, Carine dos Rei. Luciano Rodriguez Reis Sandra Dutra Cabral Portella, *Religião e morte: qual a relação existente*. Artigo, Revista Enfermagem Contemporânea, Salvador, dez. 2012; 1(1): 130-141.

BOURDIEU, Pierre. Introdução a uma sociologia reflexiva (capítulo 2). In: *o poder simbólico*. Lisboa. Difel, 1989.

CAMPOS, Adalgisa Arantes. *Notas sobre os rituais de morte na sociedade escravistas*. IN: Revista do Departamento de História da FAFICH/UFMG. 1988.

- CARVALHO, Fernando Lins de. *Simbologia dos ritos funerários na pré-história*. Canindé, Xingó, n.1, dez. 2001. Disponível em:<<http://max.org.br/biblioteca/Revista/Caninde-dez-01/Dez-01-art12.pdf>>. Acesso em: 01 agosto. 2019.
- D'ASSUMPCÃO, Evaldo Alves. *A morte: o que é, por que a tememos*. In: TAITSON, Paulo Franco (org). *Bioética: vida e morte*. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2008.
- DaMATTA, Roberto. *Relativizando: uma introdução à antropologia social*. Rio de Janeiro:Rocco, 1987.
- DEMO, Pedro. *Pesquisa e informação qualitativa: aportes metodológicos*. Campinas: Papirus Editora, 2012.
- DÉCHAUX, Jean-Hugues. 1997. *Le souvenir des morts: essai sur le lien de filiation*. Paris: PUF.
- DOUGLAS, Mary. *Pureza e perigo*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1976.
- ELIAS, Norbert. 2001. *A solidão dos moribundos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- FAVRET-SAADA, Jeanne. 2005. *Ser afetado*. Cadernos de Campo 13, ano 14, USP.
- FERNANDES, Rubem César. *O peso da cruz: manhas, mazelas e triunfos de um sacerdote particular*. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v.15, n. 2-3, p.94-121, 1990.
- FRANCH, Mônica; Falcão Tânia. *Crianças que são anjos: uma aproximação ao simbolismo em torno da morte dos "anjinhos"*. Recife: PPGA-UFPE, mimeo, 1999.
- FOUCAULT, Michel. O Nascimento do Hospital. In: *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- FREITAS, Eliane Tânia Martins de. *Memória, ritos funerários e canonizações populares em dois cemitérios no Rio Grandes do Nortes*. Tese de Doutorado. PPSA/UF RJ, Rio de Janeiro, 2006.
- GEERTZ, C. 1989. *“Uma descrição densa: Por uma teoria interpretativa da cultura”*. In C. Geertz, *A interpretação das culturas*. RJ: Guanabara Koogan.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação da cultura*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- GEERTZ, Clifford. *O impacto do conceito de cultura sobre o conceito de homem*. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara Koogan, 1989.
- HOFFMAN-HOROCHOVSKI, Marisete Teresinha, RASIA, Miguel. *Rituais fúnebres em memória de velhos*. *Horizontes*. v.9 n.24 , 2001.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro, *Sociologia da Emoção O Brasil urbano sobre a ótica do luto*, Ed.1, Editora vozes, Rio de Janeiro RJ, 2003, 215 p.

- KOURY, Mauro. *A Sociologia das emoções e os clássicos*. Emoções Sociedade e cultura. Curitiba ; CRV, 2010.
- KÜBLER-ROSS, Elisabeth. *Morte estágio final da evolução*. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 1975.
- LACERDA, R. T. O.; ENSSLIN, L.; ENSSLIN, S. R. *Uma análise bibliométrica da literatura sobre estratégia e avaliação de desempenho*. Gestão & Produção, v. 19, n. 1, p. 59-78, 2012. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-530X2012000100005>.
- LANDA, Mariano Báez. Ferraz, Ana Lúcia Camargo; Mendonça, João Martinho de Ana Lúcia Camargo Ferraz e João Martinho de Mendonça (Orgs.). *Antropologia visual: perspectivas de ensino e pesquisa*; Brasília- DF: ABA, 2014.
- LE BRETON, David. *Por una antropología de las emociones*. Revista latinoamericana de estudios sobre cuerpos, emociones y sociedad, a. 4, n. 10, 2012.
- LIBANIO, João Batista. *Finados: a ética e o cuidado com os mortos*. O Tempo, Belo Horizonte, 02 nov. 2008.
- LINS, Mísia (1995). Morte, *católicos e imaginários*: o caso do Alto do Reservatório, Casa Amarela. Dissertação de Mestrado / PPGA-UFPE. Recife, mimeografado.
- LUTZ, Cathetine; WHITE, Geoffrey M. *The Anthropoloy of Emotions*. Annual Review of Anthropology, vol. 15, p.405-436, 1986.
- MAFRA, Clara. *Resenha de Souza Martins e memória social de José Machado Pais*. Religião e Sociedade, Rio de Janeiro, v.18, n.1, 1997.
- MALINOVSKI, B. 1978. "Introdução" In Malinowski, *Os argonautas do Pacífico Ocidental*, Col. Os Pensadores. S.P: Abril editores.
- MARTINS, José de S. (org.). *A morte e os mortos na sociedade brasileira*. São Paulo: Hucitec, 1983.
- MAUSS, M. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac &Naify, 2003.
- MAUSS, Marcel. *Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas* em Sociologia e antropologia. São Paulo: Cosac Naif, 2003.
- MAUSS, Marcel. (1979). "*A Prece*". IN Oliveira, Roberto Cardoso. Mauss. Coleção grandes cientistas sociais. São Paulo: Ática.
- MEDEIROS Bartolomeu Tito Figueirôa de. ; SILVA Marcos de Araújo Revisitando *aproximações entre o dom e a prece em Mauss a partir de referenciais cariocas*, Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro n.6, 2012, p.215-230.
- MENEZES, Renata de Castro. *Devoção e diversão: a festa da Penha (RJ) como uma romaria*. Revista Eclesiástica Brasileira: REB, Petrópolis, v.60, jun. 2000.

MENEZES, Rachel Aisengart, *Em busca da boa morte: antropologia dos cuidados paliativos*. Rio de Janeiro: Garamond: Floacruz, 2004.

MENEZES. *Um Modelo para Morrer: última etapa na construção social contemporânea da pessoa?*. Campos 3:103-116, 2003.

MINAYO, M. C. de S. (Org.) *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.

MORIN, Edgard. *O homem e a morte*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1970.

MOTTA, Antonio. *À flor da pedra. Formas tumulares e processos sociais nos cemitérios brasileiros*. Recife: Massangana, 2009.

MORAIS, Isabela Andreade de Lima, *pela hora da morte estudo sobre o empresariar da morte e do morrer uma etnografia no grupo parque das flores, em alagoas* revistainterlegere, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, janeiro a junho de 2013.

MORAIS, Vinícius <http://www.viniciusdemoraes.com.br/pt-br/poesia/poesias-avulsas/poema-de-natal> acessado no dia 10 de Setembro de 2019.

NEGRÃO, Marcus Vinícius Nascimento. *Iluminando os mortos: um estudo sobre o ritual de homenagem aos mortos no Dia de Finados em Salinópolis – Pará*.(Dissertação de Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Antropologia (UFPA), Belém, Pará, 2014, p.161.

NEVES, Ednalva M. 1998. *Da morte biológica à morte cultural: um estudo sobre o morrer em casa em João Pessoa-PB*. Dissertação de Mestrado. João Pessoa: UFPB/Programa de Pós-Graduação em Sociologia.

OLIVEIRA, Marcos F. de; CALLIA, Marcos H. P. (org.). *Reflexões sobre a morte no Brasil*. São Paulo: Paulus, 2005.

OLIVEIRA, Pedro Assis Ribeiro de. *Religiosidade popular na América Latina*. Revista Eclesiástica Brasileira (REB), v.32, n.126, p.354-364, jun. 1972.

OLIVEIRA, Simone Geralda de. *Três “santas do povo”: um estudo antropológico sobre santificações populares em Minas Gerais*. 2008. 245f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião, Juiz de Fora.

ORTIZ, Renato. *Universalismo e Diversidade: Contradições da modernidade-mundo/ 1.ed.* São Paulo, Boitempo, 2015.

PEIRANO, Mariza. *Etnografia, ou a teoria vivida*, Ponto Urbe [Online], 2 | 2008, posto online no dia 06 Agosto 2014, consultado em 11 Março 2016. URL: <http://pontourbe.revues.org/1890>.

PEIRANO, Mariza. *Rituais Ontem e Hoje*. Rio de Janeiro; Zahar, 2003.

PEIRANO, Mariza G.S. *a análise antropológica de rituais, série antropologia*, Brasília, 2000.

PERROT, Michelle. *Práticas da memória feminina*. Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 9, n. 18, p. 9-18, ago./set., 1989.

PERROTTI, Edmir. *Sobre informação e protagonismo cultural*. In: GOMES, Henriete Ferreira. Informação e protagonismo social. Salvador: EDUFBA, 2017. p. 11-26.

PIMENTEL, Bruna Tavares; MARQUES, Heytor de Queiroz; SILVA, Jhessyca Nátally de Santana; MENDES, Raphaella Ferreira; SILVA, Weverson Bezerra. *O valor da morte: uma etnografia no cemitério de São José, João Pessoa/pb, analisando as relações econômicas que envolvem a morte*. Cidadania e políticas da vida: Anais da 1ª Reunião de Antropologia da Saúde (RAS) / Mónica Franch, et al (Org.) – Pipa Comunicação.

POLLAK, Michael. *Memória e Identidade Social*. Revista Estudos Históricos, v. 5, n. 10, 1992, pp. 200- 212.

REESINK, M. 2010. *Reflexividade nativa: quando a crença dialoga com a dúvida no período de Finados*. Mana 16 (91) 151-177.

REESINK, Mísia Lins. *“rogai por nós”: a prece no catolicismo brasileiro à luz do pensamento maussiano*, Religião e Sociedade, Rio de Janeiro, 29(2): 29-57, 2009

REESINK, Mísia Lins. **Quando lembrar é amar: tempo, espaço, memória e saudade nos ritos fúnebres católicos**, Revista do Centro em Rede de Investigação em Antropologia vol. 16 (2) | 2012 Varia.

REIS, João José. *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

REZENDE, Claudia Barcellos e COELHO, Maria Cláudia. *Antropologia das Emoções*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas. Série Sociedade e Cultura, 2010, 136 p.

ROSENDAHL, Zeny. Hierópolis: *o sagrado e o urbano*. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 1999.

ROCQUE, Carlos. História Geral de Belém e do Grão-Pará. Distribel. 2001.

RODRIGUES, José Carlos. *Tabu da morte*. Rio de Janeiro, Achiamé, 1983.

RODRIGUES, Paula Andréa Caluff, *duas faces da morte: o corpo e a alma do cemitério, Nossa senhora da soledade, em Belém/PA*. Instituto do patrimônio histórico e Artístico Nacional, Rio de Janeiro, 2014.

SANCHIS, Pierre. Arraial, *festa de um povo: as romarias portuguesas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1983.

SILVA, Uliana Gomes. *Já Cumpri Minha Obrigação": Um Olhar Antropológico Sobre O Cemitério Da Comunidade Nossa Senhora Da Guia, Lucena/PB*. 56. F TCC (Graduação) – Curso de Ciências Sociais , Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015.

SILVA, Weverson Bezerra, *Pensando a morte: uma revisão bibliográfica*, Ciências Sociais (TCC – Trabalho de conclusão de curso), João Pessoa/PB, 2017.

TASCA, J. E. *et al* *An approach for selecting a theoretical framework for the evaluation of training programs*. Journal of European Industrial Training, v. 34, n. 7, p. 631- 655, 2010. Disponível <<http://dx.doi.org/10.1108/03090591011070761>>, acesso em : 27 de Setembro de 2019.

TURNER, Victor. *O processo ritual*. In. *Liminaridade e Communitas* Petrópolis: Vozes, 1974.

VAN GENNEP, Arnold 1978. *Os ritos de passagem*. Petrópolis: Vozes.

**APÊNDICE - (Ensaio fotográfico (2019) do cemitério Senhor da Boa Sentença)**



























